

The background is a collage of red-tinted images. At the top, there's a classical painting of a woman reclining. Below it, a woman's face is shown in profile. In the center, a large Gothic cathedral is depicted. To the right, a woman with long dark hair is shown in a dramatic pose. At the bottom, a scene from a story shows several people in a room. The text is overlaid on this collage.

NATHANIEL HAWTHORNE,  
O PURITANISMO E A HIPÓTESE DO *EROS*  
EM *A LETRA ESCARLATE* (1850)

ALBÉRIS ERON FLÁVIO DE OLIVEIRA



*A minha mãe, Ione, mulher forte, cujo amor sempre me alcançou; ao meu pai, Alderedo, que me mostrou caminhos; (...) a Ian e Isabela, a quem devo ensinar sobre o amor de Deus.*

*A Deus, que mesmo eu não sendo um puritano,  
me fez ser alcançado por Sua graça.*

---

## PREFÁCIO

---



*Letra Escarlate* (1950) é um dos romances mais interessantes que se pode encontrar na literatura mundial. É a obra de Nathaniel Hawthorne que nos oferece o núcleo central de todo o seu pensamento e de toda a sua realização como escritor. Não é difícil encontrar justificativa para isso. A quase perfeita unidade do enredo dramático – vinculada à situação histórica em que ele se baseia – transporta-nos à velha Salem dos puritanos do século XVII, um dos berços da chegada dos europeus oriundos da Contra Reforma promovida pela igreja católica a partir de meados do século XVI.

A organização social da comunidade onde o romance se desenvolve – uma vila extremamente religiosa – nos oferece as leis que então governavam as personagens ali retratadas, assim como as suas condições de vida historicamente constituídas. A intensa humanidade da tragédia – descrita no enredo do romance – e a postura dos líderes naquele contexto tornam a obra ainda mais profunda e, por incrível que pareça, luminosa.

Os temas de Hawthorne em todos os seus escritos lidam, principalmente, com as perversas potencialidades do ser humano. De enredos que lidam com a paixão por fama e poder (*The Ambitious Guest*, 1835), passando pela ideia de orgulho e de desprezo (*Lady Eleanore's Mantle*, 1837) e pela história de um homem tão apaixonado por sua linda esposa que almeja levá-la à extrema perfeição estética removendo-lhe a leve mancha de um sinal de nascença (*The Birth Mark*, 1843) que a natureza lhe

colocara no rosto – nem que isso custe a morte de sua amada – é que se constrói a totalidade de sua obra. Mas é, em *Ethan Brand* (1850), um dos mais importantes textos de sua carreira, que nos deparamos com o motivo maior de sua obra, na sua mais centrada forma: a ideia do pecado.

De fato, todo aquele que se depara com os textos de Nathaniel Hawthorne percebe que, para ele, a vida humana é sagrada e a lei que todos deveriam obedecer deveria ser o amor – o amor ágape, que vem de Deus, e que quando bem compreendido deve gerar fraternidade e solidariedade entre as pessoas. Na verdade, há na pena de Hawthorne a ideia de que o homem é recipiente de diversos sentimentos, dentre os quais um amor desmesurado – se é possível falar assim – que extrapola os limites da existência harmoniosa entre os homens. É o mesmo sentimento que provocou intenso sofrimento em Bentinho de Machado, em Werther de Fausto, em Otelo de Shakespeare e até mesmo em Ulisses de Homero – a ponto de esse último aniquilar todos os seus traidores com a ponta de sua espada. Tal sentimento parece sempre prevalecer em inúmeras obras literárias, sejam elas dramas, romances ou contos, e que muitos traduzem como o amor denominado de *Eros*. Nesse sentido, as personagens de *A Letra Escarlate* também dão provas disso.

Hawthorne criou em *A Letra Escarlate* quatro figuras que reclamam um posto na galeria das grandes personagens dramáticas da literatura mundial: Ester Prynne, a grande heroína do romance; Rogério Chillingworth, o marido traído; Artur Dimmesdale, o amante; e a pequenina Pérola, inocente fruto e símbolo do pecado, encarnação daquela inocência nascida do erro e que sempre carregará a força de redimi-lo para a salvação.

A discussão que segue nas próximas páginas prova que o mundo é muito mais do que aquilo que vemos e que muitos segredos

ainda estão escondidos no coração das pessoas. A contribuição de Nathaniel Hawthorne para a literatura é impressionante, isso porque, ao mesmo tempo em que ele registra um período na vida dos americanos em que o sentido da razão estava completamente submetido ao crivo da religião, ele revela de fato, outra face daquele mesmo mundo: o mundo da falsidade e da hipocrisia, um mundo inconsistente e cheio de superficialidades. É por isso que a leitura de Hawthorne ainda é indicada nas escolas de Ensino Médio norte-americanas e em muitas universidades do mundo.

O modo como o narrador de Nathaniel Hawthorne se propõe a falar de coisas profundas o coloca entre os maiores escritores que pisaram, definitivamente, este planeta. A sua vasta escritura nos incita a pensar o mundo e o modo como ele é constituído – e se constitui. O modo como ele pensa o ir e vir de seus personagens nos faz imaginar o que existe de tão especial nas sociedades que leva as pessoas a cometerem atos que se desvirtuam dos modelos de regra e de prática para uma boa e saudável convivência.

*Nathaniel Hawthorne, o Puritanismo e a Hipótese do Eros em A Letra Escarlata* é um livro instigador, que nos ajuda a entender o potencial de escrita de Hawthorne e nos leva a pensar em algo que está presente em toda a sociedade e que muitas vezes não queremos, digo, não é possível de se ver tão claramente – veja-se a relação do reverendo Dimmesdale com seus seguidores na história em estudo. Neste livro, percebemos que Hawthorne nos incita a imaginar outras maneiras de conceber e compreender a realidade a partir da concepção que as pessoas têm com respeito aos seus sentimentos mais íntimos e as suas relações pessoais mais possíveis.

De fato, esse sentimento *Eros* está onde todo ser humano está – como diz o autor deste livro – e tem sido um destacado

agente motivador nas relações entre as pessoas, promovendo novos sentimentos e muitas novidades, todos os dias e em todos os lugares.

*Joanna Angélica Borges da Silva*  
Especialista em Literatura Comparada



---

# SUMÁRIO

---

<b>Prefácio</b> .....	<b>5</b>
<b>Introdução</b> .....	<b>11</b>
<b>Capítulo 1</b> .....	<b>17</b>
1.1. Tradição Puritana na Literatura da Nova Inglaterra ....	18
1.2. Nathaniel Hawthorne: resplendor crepuscular do século XVII na literatura-norte americana.....	27
<b>Capítulo 2</b> .....	<b>37</b>
2.1. As personagens de A Letra Escarlate e a Ortodoxa Puritana .....	38
2.1.1. Ester .....	44
2.1.2. Artur Dimmesdale.....	55
2.1.3. ROGÉRIO CHILLINGWORTH.....	64
2.1.4. Pérola .....	72
<b>Capítulo 3</b> .....	<b>86</b>
3.1. Nathaniel Hawthorne e a hipótese do ‘eros’ em ‘ <i>A Letra Escarlate</i> ’ (1850) .....	87
3.2. A lenda de eros e psique .....	90
3.3. O AMOR ENTRE ESTER E ARTUR DIMMESDALE .	96
3.4. A SEMPITERNA PRESENÇA DO AMOR .....	108
<b>Conclusão</b> .....	<b>114</b>
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	<b>116</b>

A literatura ajuda a compreender melhor o homem e o mundo e ainda dela pode-se tirar uma beleza que pode enriquecer a sua existência. Ela abre uma serena e luminosa região de verdade, onde todos podem se encontrar e caminhar juntos, acima da fumaça e das tensões, do barulho e da vida inferior do homem (EAGLETON, 2006, p.37).

---

## INTRODUÇÃO

---



Por sua natureza, a literatura como arte, é um fato de civilização, sendo condicionada por seu meio (MANZATTO, 1994). Ao mesmo tempo em que ela é influenciada pelo seu meio, ela exerce também influência sobre as pessoas e sobre a sociedade à qual é dirigida ou com a qual dialoga. Há uma interação dialética de influências, portanto. A literatura, então, não nos separa do mundo, mas, ao contrário, pode colocar-nos numa relação mais direta com ele.

Para Todorov (2009, p.22), “a literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles, numerosas características”. Não é por acaso que, segundo ele, ao longo da história, suas fronteiras foram inconstantes.

Compartilhando com Eagleton (2006, p.297) o fato de que “quanto mais nos afastamos da rica interioridade da vida pessoal da qual a literatura é o exemplo supremo, mais descolorida, mecânica e impessoal se torna a nossa existência”, é que nós buscamos escrever este livro.

A Literatura dos Estados Unidos da América, segundo Zabel (1947), assemelha-se à literatura de outras nações, em certos sentidos óbvios. Isso porque ela é o registro das origens e do crescimento de um povo – de sua passagem dos primeiros passos culturais, coloniais e comparativamente primitivos – e de seu lento desenvolvimento para a maturidade e independência, próprias de suas ambições, esperanças e propósitos como civilização.

Nesse contexto, nessa nova identidade que surge e se forma do seio do puritanismo religioso, é que destacamos Nathaniel Hawthorne (1804 – 1864). Os seus escritos, assim como a sua vida, estão impregnados da atmosfera característica da capital do império da Nova Inglaterra, Salem, na Baía de Massachusetts – lugar em que preconceitos e superstições caracterizavam o lugar como uma espécie de fortaleza do calvinismo colonial.

Como um homem arisco e desconfiado (HAWTHORNE, 1993), Nathaniel Hawthorne deu à Literatura norte-americana e universal, um conjunto de obras como *A casa das Sete Torres*, *O Jovem Amo Brown* e *O Fauno de Mármore*, entre várias outras. Vivendo e escrevendo sobre os fantasmas criados pelo absolutismo religioso – quando nasceu a cidade já não era a mesma de seus antepassados, tão imersa em uma ortodoxia puritana, é importante que se registre –, Hawthorne cresceu em uma cidade que então surgia como um importante centro de comércio marítimo e que começava a apagar lentamente os rastros de um passado obscuro e sombrio.

De um espírito formado, notadamente, pelos resíduos da tradição de seus próprios ancestrais – o seu avô John Hawthorne<sup>1</sup> era considerado intolerante e feroz, inflexível e implacável em suas convicções e em sua maneira de entender as convicções alheias –, seu mundo imaginário era o mundo rodeado por feitiçarias e religiosidade.

Tendo perdido seu pai quando tinha apenas quatro anos de idade, Hawthorne foi criado por um tio e foi morar no Maine, onde viveu com poucos recursos. Em 1825, quando concluiu os estudos, retornou a Salem onde se confinou voluntariamente com

---

1 Ele herdara o espírito perseguidor, tornando-se tão fanático no martírio das feitiçarias, que com razão pode-se dizer que o sangue delas os deixou manchado (HAWTHORNE, 1993).

sua família – a mãe e as irmãs mais velhas. Foi nesse universo recluso que Hawthorne começou a escrever os seus primeiros contos. Na ânsia de encontrar a expressão máxima e precisa de sua tez literária, ele submeteu-se a um duro regime de aprendizagem, escrevendo e reescrevendo contos, destruindo-os e escrevendo-os de novo. Convidado por um editor amigo, Hawthorne publicou em 1837 uma coletânea de narrativas, a que deu o título de *Twice-Told Tales*. Era a sua primeira publicação.

Pelo fato de, como ele próprio disse<sup>2</sup>, ter se afastado voluntariamente da sociedade tornando-se cativo de si mesmo, o que ele ganhava com suas publicações não cobria as suas despesas.

Hawthorne estudou com Longfellow e Franklin Pierce – esse último depois se tornaria presidente dos Estados Unidos da América. Com o tempo, a necessidade forçou Nathaniel Hawthorne a aceitar um emprego na alfândega de Boston<sup>3</sup> - oferecido pelo, então, político influente. Nathaniel casou-se em 1842 e foi viver em uma velha mansão – *Old Manse* – em Concord, uma pequena cidade que depois se tornou local de residência de Ralph Waldo Emerson, Henry David Thoreau e Louise M. Alcott, seus contemporâneos.

Na alfândega em Boston, Nathaniel tornou-se inspetor. Nesse período, ele aproveitou o tempo para escrever o texto que lhe rendera maior fama e respeito: *A Letra Escarlate*, em 1850. A sua repercussão lhe deu estímulo para preparar *A Casa das sete Torres*, logo em seguida, em 1851. Em 1853, já como cônsul em Liverpool, encontrou subsídios para escrever *O Fauno de Mármore* – somente publicado em 1860.

2 “Segreguei-me da sociedade; jamais pensara em tal, no entanto, nem sequer havia sonhado que espécie de vida levaria. Tornei-me cativo de mim mesmo, aprisionei-me e agora não posso encontrar a chave que me deixará sair.” (HAWTHORNE, 1993, p.10).

3 Na introdução de *A Letra Escarlate* o autor comenta sobre os seus dias como trabalhador do ‘Edifício da alfândega’ em Boston.

Consagrado como um dos grandes escritores da literatura norte-americana de seu tempo, Nathaniel Hawthorne se empenhou em desenvolver sua aptidão intelectual como se fosse um principiante. No prefácio de *O Fauno de Mármore* (1860), ele escreveu sobre as dificuldades que encontrou quando da construção de seus textos:

autor algum pode conceber como é difícil escrever um romance em uma terra em que não há sombras, nem antiguidades, nem mistério, nem nada de pitoresco ou sombrio – em que não há nada, a não ser uma vulgar prosperidade, como é, bem à luz do sol, felizmente, o caso da minha cara terra natal. Passar-se-á muito tempo, creio eu, antes que o romancista encontre temas congênicos e de fácil tratamento, quer nos anais de nossa valente república quer em qualquer das características de nossa vida individual. Romance e poesia, hera e líquen, e trepadeiras precisam de ruínas para poder viver (HAWTHORNE, 1993, p.11).

O último livro publicado por Nathaniel Hawthorne foi *Our Old Home*, em 1863. Em 1864, o autor morreu em sua casa, em Plymouth, New Hampshire, tendo deixado um romance inacabado cujo título era *The Grimshaw's Secret*, em que focalizaria a descoberta de um elixir da longa vida.

O enredo de *A Letra Escarlata* descreve a história de um amor proibido que se passa em Salem, cidade de Massachusetts, no final do século XVII. Uma relação amorosa entre um reverendo cristão puritano de nome Artur Dimmesdale e uma senhora recentemente casada, chamada de Ester Prynne – cujo marido

estava em viagem à Europa – é o fio que amarra toda a trama. A falta cometida por esses dois afronta os dogmas defendidos na região dominada por valores morais rígidos e o tratamento que recebem é punitivo e estigmatizante. Durante todo o texto, essas principais personagens nos são expostas e os seus comportamentos são objetos de nossa reflexão. Ester, a mulher acometida de adultério, terá que usar uma marca de seu pecado no corpo, pelo resto de sua vida enquanto que o reverendo Artur Dimmesdale, o outro “adúltero”, a terá escondida dentro de si durante a maior parte do romance. A repressão que eles passam a sofrer pelas leis da sociedade justifica a tristeza, a fragilidade humana e a falsa moral em que todos em Salem se encontram. Para as personagens do romance, embebidas no seio de uma cidade marcada pela dura doutrina dos cânones puritanos, obedecer as ordens da igreja em sua plenitude nunca é uma tarefa fácil – podemos dizer, possível.

Nos capítulos que seguem, portanto, cuidaremos em apresentar a relevância da tradição puritana para a literatura dos Estados Unidos, especialmente nos séculos que antecederam a proclamação da sua independência, a intensa participação de Hawthorne como leitor e escritor de seus dias e faremos um destaque sobre o que se passa no coração de Ester e do reverendo Dimmesdale, em especial e na perspectiva de sua relação.

Sendo assim, no capítulo primeiro, entendemos Nathaniel Hawthorne como uma espécie de resplendor crepuscular na literatura norte-americana do século XVII, devido à força de sua escritura – contexto em que também escrevem autores importantes como Herman Melville, Henry David Thoreau e Ralph Waldo Emerson, dentre outros –, com destaque para o seu romance mais conhecido e objeto deste estudo, *A Letra Escarlate*.

No segundo capítulo adentramos no drama enfrentado pelos personagens que vivem diante da ortodoxia puritana, como

descrita no enredo do romance. Nele enfatizamos, em especial, a participação de Ester, a personagem central e vetor das complicações do romance.

No capítulo terceiro enfocaremos a figura de *Eros*, conforme ele é descrito na tradição, em hipótese de sua presença na comunidade de Salem – *topos* da história –, apresentando de modo proposital a lenda na qual ele é descrito. Nesse mesmo capítulo, notificaremos a sempiterna presença desse sentimento – *Eros* – em Salem, a partir do encontro entre o reverendo puritano Dimmesdale e a jovem senhora Ester, ousando vislumbrar o seu *modus operandus* em ambos, por meio de um possível e, ao que parece, predestinado caminho – caminho de pecado?

Só então concluiremos, defendendo a tese de que *Eros* é um motor – talvez o principal – que faz mover os engenhos de todas as cidades<sup>4</sup>, de todos os tamanhos e em todas as épocas, até nos dias de hoje – e até que se prove o contrário.





---

# CAPÍTULO 1

---

Na formação histórica dos Estados Unidos houve desde cedo uma presença constrictora da lei, religiosa e civil, que plasmou os grupos e os indivíduos, delimitando os comportamentos graças à força punitiva do castigo exterior e do sentimento interior de pecado. Daí uma sociedade moral, que encontra no romance expressões como *A Letra Escarlata*, de Nathaniel Hawthorne, e dá lugar a dramas como o das feiticeiras de Salem. (CANDIDO, 1998, p.50)

## 1.1. TRADIÇÃO PURITANA NA LITERATURA DA NOVA INGLATERRA

Foi no ano de 1628 que uma primeira companhia, sobre a jurisdição de John Edincott, recebeu a patente dada pelo governo para se estabelecer no lugar: era a Dorchester Company – foi primeiro grupo a chegar com intenções de ficar na região, em definitivo (COLES NOTES, 1989). A partir de então outros grupos foram chegando à colônia de Massachusetts durante os governos que se sucederam aquele ano.

Tempos depois, segundo McMichael (1966), com a chegada de John Winthrop – eleito governador da colônia da Baía da Massachusetts em 1630 e citado pelo narrador de Hawthorne no enredo de *A Letra Escarlata* (1850) –, o governo dos puritanos ganhou sede em Boston naquela mesma colônia. Com ele, a comunidade de Salem assumiu o caráter religioso, muito bem parecido com o que é descrito no romance de Hawthorne.

No ano de 1629 era estabelecida a primeira igreja congregacionalista na América que tinha como pastor o reverendo Roger Williams, amigo pessoal de John Edincott, e que foi perseguido pelos puritanos juntamente com Anne Hutchinson por buscarem mais liberdade religiosa (McMICHAEL, 1966, p.36).

Como registra Cunliffe (1986), os puritanos fundaram Harvard em 1636 e outras universidades como a de Yale, em New Haven, naquele mesmo período. O objetivo de tais fundações era o de treinar novos ministros. Eles também fizeram funcionar a primeira

máquina de imprensa em solo norte-americano em 1638 e publicaram o primeiro Jornal em 1704.

Em 1692, a cidade de Salem foi alvo de rumores por causa de denúncias a respeito da presença de bruxas e de magia negra (CUNLIFE, 1986). As notícias levaram o governo da cidade a fazer uma verdadeira caça às bruxas, na qual muitas pessoas foram presas e condenadas ao enforcamento. Para eles, a história se desenvolvia somente de acordo com os planos de deus<sup>5</sup>. Dentre os escritos que se tem registro dessa época, podemos destacar:

‘Maravilhosa Providência’ (1684) de *Increase Mather* (1639-1723) que conta o ambiente psicológico do período da caça às bruxas em Salem, ‘O Anjo de Betesda’ (1723) que trata da importância da relação do homem com Deus, escrito por *Cotton Mather* (1666-1728) e os poemas com temas religiosos de *Anne Bradstreet* (1612-1672), intitulado ‘o brotar da última musa na América’, além de textos descrevendo as paisagens da Nova Inglaterra (CUNLIFE, 1986, p.6).

Esse movimento religioso chamado de puritanismo defende a eliminação de todo o resto do catolicismo romano da liturgia eclesial e se fundamenta sobre uma grande rigidez de valores morais. Segundo McMichael (1966), o puritanismo também se

5 Quanto a esse ponto, do “deus” a que o texto acima se refere, encontro divergências entre o Deus descrito nas Escrituras Sagradas – Bíblia Sagrada – e o da compreensão que faziam os puritanos dos relatos descritos em *A Letra Escarlata*. Para uma maior compreensão do assunto, sugiro a leitura de Teologia Sistemática, de Millard Erickson, citado na bibliografia deste estudo e os escritos de Richard Baxter, que podem ser encontrados em *The Richard Baxter Homepage* em <http://members.aol.com/augusteen/Baxter.html> e em *The Richard Baxter Society* em <http://members.tripod.com/~oboofcom/index-3.html>. Doravante, registre-se que o estudo em curso limita-se a compreensão literária da obra, ou seja, de cunho meramente fictício – propriedade inerente das obras literárias com um todo.

destaca principalmente pelo rigor e pela falta de escrúpulos no modo e na forma de agir de seus representantes. Um exemplo desses representantes é John Hawthorne<sup>6</sup>, parente distante de Nathaniel Hawthorne e perseguidor dos quacres. John pode ser destacado como o “principal inquisidor dos episódios da caça às bruxas de Salem de 1692” (HAWTHORNE, 1960, p.7).

Os puritanos são uma manifestação da Igreja Congregacional – oriunda da igreja Anglicana europeia – e fruto da Reforma. De acordo com Howard (1964, p.21) “a Inglaterra reconhecia o sistema congregacionalista da Nova Inglaterra representado, agora, pelos puritanos”. Também, segundo Sellers (1985, p.24), “as colônias da Nova Inglaterra constituíam consequências diretas do recrudescimento do conflito religioso da Inglaterra”. Os puritanos perceberam que faziam parte de um grupo que, entendendo que a Igreja europeia não havia se separado em seus rituais e dogmas da Igreja católica de Roma, foi forçado a migrar para um novo mundo por causa das restrições e perseguições que passaram a sofrer.

Segundo Cunlife (1986, p.36), os puritanos se consideravam “agentes de Deus, enviados sob a sua milagrosa providência para construir casas para os eleitos e para converterem ou aniquilarem os índios”. O pano de fundo dos puritanos, é verdade, era completamente calvinista – principal fonte da doutrina religiosa daquela região. Eles defendiam como valores absolutos a soberania de Deus, em bondade, poder e conhecimento, em primeiro lugar,

---

6 Hawthorne afirmou que era assombrado pela memória de seus ancestrais puritanos e ele descobriu a figura de seu tataravô, John Hawthorne, que teria sido um dos juízes durante o tribunal das bruxas de Salem de 1692. In HAWTHORNE, Nathaniel. **The Blithedale Romance**. New York: Dell PublishingCo., Inc., 1960. p.7

e a pecabilidade do homem a partir da queda de Adão e, conseqüentemente, a sua separação do criador, em segundo. A doutrina da predestinação – a crença de que Deus escolheu certas pessoas, antes mesmo da criação, para a salvação eterna e outras para a condenação – era a base de estrutura de fé. Era essa a mola que agia sob o ir e o vir da práxis daquela sociedade, portanto. A “coragem, seriedade, sentido de propósito, energia intelectual, robustez e até jovialidade”, segundo revela Cunliffe (1986, p.35), também os acompanhavam em seus cotidianos: A Nova Inglaterra tinha uma moral distintiva e uma ordem social cuja influência se espalhou por quase todos os Estados Unidos.

Os puritanos não eram exilados miseráveis e sem condições, nem criminosos ou escravos, é importante que se faça o registro. Como moradores da Baía de Massachusetts, eles eram colonos simples, mas conscientes de sua nacionalidade, e tinham uma grande devoção por seus valores. Eles buscavam uma vida diferente da que lhes fora oferecida na Europa. Eles queriam liberdade e liberdade a sua maneira.

Ao chegarem à Nova Inglaterra – a grande migração puritana para a baía de Massachusetts aconteceu entre os anos de 1628 e 1643 (McMICHAEL, 1966) – eles passaram a dominá-la e a impor um estilo de vida dogmático, bem cheio de regras. Em consequência disso, aqueles que não se enquadravam em seu novo modo de vida, passavam a sofrer perseguições e punições. É importante saber que a igreja e o estado na Nova Inglaterra pareciam ser uma só instituição<sup>7</sup> nesse tempo.

---

7 Segundo High (1986) a sociedade puritana era uma teocracia: as leis da sociedade e as leis da religião eram as mesmas.

Os puritanos, para se firmarem, exerceram um controle constante sobre imigrantes involuntários – negros africanos que ali chegaram através do tráfico – bem como uma suplantação dos nativos indígenas, dos quais se tornaram os maiores inimigos. Vida plena e abundante, trabalho duro e, em geral, submissão às regras sociais sem espaço para questionamentos, eram a rotina naquela nova terra. Conhecer o Deus cristão, obedecê-lo e reverenciá-lo, fazia parte do imaginário que pairava sobre todos que moravam em Salem<sup>8</sup> - ainda que, como consequência, isso custasse a vida de muitos.

Sobre a literatura na época dos puritanos da Nova Inglaterra, podemos ler em Cunliffe:

a primeira literatura surgida de semelhante mundo centrado em Deus era fortemente carregada, nos temas e no estilo, de considerações religiosas. A que era considerada melhor escrita era a que mais proporcionava aos membros da Igreja total consciência de sua perigosa e probatória condição na Terra (1986, p.36).

Não é difícil perceber que a Literatura nesse tempo é intrinsecamente ligada à ideologia local. “A literatura, no sentido que herdamos da palavra, é uma ideologia. Ela guarda as relações mais estreitas com questões de poder social” (EAGLETON, 2006, p.33). A forma ideológica de controle social naquele contexto era estritamente religiosa. Importante salientar que, a vinda dos puritanos para a nova terra trouxe, com muita força, a ideia de

---

8

O nome da cidade – Salem, o lugar onde se desenrola a narrativa – faz uma clara referência ao antigo nome da mesma cidade que aparece na Bíblia.

pecado – um valor depositado nas suas regras de fé e prática que parecia muito mais separar do que agregar<sup>9</sup>.

Carl Bode, Leon Howard e Louis B. Wright trazem registros a respeito dos Estados Unidos, especialmente nos dois séculos que antecedem a sua independência. No que tange à formação da literatura naquele período e com relação à Nathaniel Hawthorne, eles afirmam:

De alguma maneira Nathaniel Hawthorne pode ser considerado, juntamente com Poe, como um autor cujo trabalho representa o Romantismo decadente. Hawthorne partiu do impulso romântico da primeira metade do século XIX, desenvolveu sua arte a partir da tradição gótica de contar histórias e criou para ele mesmo uma personalidade literária. [...] O mito que cerca a sua personalidade é de um homem gentil e não de um selvagem, de um puritano e não de um homem amoral (1966, p.108).

Mais adiante, esses mesmos autores dirão ainda sobre Nathaniel Hawthorne:

Hawthorne alcançou a maturidade a partir da crença de que os prazeres da imaginação poderiam ser aprofundados e enriquecidos a partir da atividade da moral. [...] Os elementos morais em suas histórias parecem ter sido introduzidos com o propósito de criar um efeito literário que vai além daquele do simples puritanismo (1966, p.108).

O imaginário local da Nova Inglaterra, involuntariamente, vai gerar na nova terra uma cultura literária baseada em fatores coloniais e provincianos. Ainda assim, os seus maiores expoentes coloniais, com o tempo, poderiam ser julgados como instigadores de um fanatismo religioso nocivo e anti-humano, cujos malefícios se poderiam se prolongar por muito tempo<sup>10</sup>.

A fortaleza, a simplicidade e a coragem dos peregrinos de Plymouth enrijeceram-se no inflexível dogmatismo dos puritanos de Salem e Boston. Esse dogmatismo não era simples assunto para sermões, clérigos e igrejas: foi imposto em toda comunidade como norma e estrutura social. Em seus mais consistentes ensinamentos e obras, encontramos-lo nos escritos dos Mathers e Jonathan Edwards (ZABEL, 1947, p.57).

Com o dever de cultivar o novo lugar, os puritanos passaram também a cuidar da terra e a transformá-la em um campo comercial, lugar onde tirariam sua sobrevivência, implementariam e consolidariam suas leis e regras de convivência. Citando Allan Poe, comentando a respeito da literatura da Nova Inglaterra, Cunliffe (1986, p.119), registra:

a literatura bostoniana e do interior da Nova Inglaterra estava envolvida em moralismo. [...] A literatura da Nova Inglaterra direcionava-se para a seriedade. O extremismo puritano desaparecera. [...] Mas a ‘heresia didática’ pairava

10 Ainda que, “aos olhos dos europeus, os nativos americanos se apresentavam apenas como selvagens rudes” (McMICHAEL, 1966, p.25).

ainda no ar. A cultura da Nova Inglaterra não deixara de ser religiosa, os homens de letras eram, em certo sentido, homens de Deus.

Segundo Henry James, em seu livro *Nathaniel Hawthorne: a critical essay on the man and his times*, de 1879, os escritos de Hawthorne fazem parte do berço e da memória do povo americano. Suas reflexões a respeito dos traços e do estilo de vida dos primeiros moradores<sup>11</sup> da Baía de Massachusetts e o apontamento de padrões da civilização bostoniana estão, segundo Henry James, neles presentes<sup>12</sup>.

Ainda na compreensão de Henry James, o maior legado deixado pelos puritanos à nova nação foram os seus dogmas e os seus valores, puramente cristãos. Sua justificativa se dá pelo fato de que na vida norte-americana naqueles primeiros séculos havia ausência de referências locais importantes:

Nem estado, no sentido europeu da palavra, apenas um nome especificamente nacional. Nem soberania, nem corte, nem lealdade pessoal, nem aristocracia, nem igreja, nem clero, nem exército, nem serviço diplomático, nem senhores rurais, nem palácios, nem castelos, nem mansões, nem grande literatura, nem novelas, nem museu, nem quadros, nem sociedade política, nem classe desportiva (CUNLIFE, 1986, p. 16).

---

11 “Os puritanos chegaram ao novo mundo com a intenção de formar uma sociedade com valores cristãos rígidos” (HIGH, 1986, p.6).

12 As narrativas de Nathaniel Hawthorne estão inseridas nos séculos XVII e XVIII - muito embora ele tenha nascido no século XIX -, nos quais é forte a presença do puritanismo na região. “A atividade literária de Hawthorne estava muito bem marcada pela sua própria vida em Salem”, Massachusetts, lugar onde ele nasceu em 1804 (McMICHAEL, 1966, p.525)

O contexto a que James se refere já é o da América do Norte em 1840 e ele parece não acreditar em prodígios de mudança para as próximas gerações. De fato, enquanto o Velho Mundo estava socialmente equipado com todos os espaços acima citados, a América dos puritanos ainda precisava crescer e se desenvolver para alcançá-los<sup>13</sup>.

Segundo Henry James, um ponto importante que bem descrevia essa nova nação era a literatura. Tudo o que ali era escrito tinha como espelho o lugar de onde eles vieram. Desse modo, “à sombra de qualquer texto que fosse escrito, estava a já consagrada e reconhecida Literatura Inglesa” (CUNLIFE, 1986, p.16), uma literatura forte e de mesma língua, que há muito tempo havia apresentado ao mundo nomes consagrados como William Shakespeare, Geoffrey Chaucer, John Milton, entre outros. Isso se constituía um problema<sup>14</sup>.

É desse meio, entretanto, que começam a aparecer enredos e textos cobertos de tópicos relacionados à moralidade, assim como exposições de conceitos ligados ao pano de fundo da época. Hawthorne escreve expondo esses tópicos como um observador e estudioso do regime de seus antepassados, não necessariamente como um puritano. Para David Levin, professor de inglês da Universidade de Stanford, em nota introdutória em nota introdutória à edição do *The Blithdale Romance*, de 1960, Hawthorne

---

13 Um dos argumentos utilizados por Henry James a respeito da grandiosidade e importância de Hawthorne para a literatura americana é o de ter despertado entre os autores americanos a necessidade de uma literatura genuinamente oriunda da própria terra. (EDEL, 1960).

14 Destacadamente, em contrapartida, o que podia ser encontrado na Nova Inglaterra dos puritanos eram obras como *O Peregrino (1678)* de John Bunyan e o *O sincero convertido (1641)* de Thomas Shepard, além de *Of Plymouth Plantation*, jornal escrito por William Bradford entre os anos de 1620 e 1647, e *The Journal of John Winthrop* escrito entre os anos de 1630 e 1649, além de outros escritos, com forte apelo ideológico.

concentrou mais atenção nos efeitos do pecado do que em suas causas (HAWTHORNE, 1960)<sup>15</sup>.

São esses aspectos do puritanismo<sup>16</sup> que se transformaram em rifão e objeto de desprezo nos tempos modernos. Ao alcançarmos a época de Benjamin Franklin e de Thomas Jefferson, ou de Emerson, Thoreau e Walt Whitman, por exemplo, o próprio nome “puritanismo” passa a ser considerado como um termo que chega traduzir-se em opróbrio e em abuso.

Com a chegada da independência em 1776, o povo americano se tornará, num sentido mais preciso, cidadãos de uma nação cuja soberania começará a ser internacionalmente reconhecida – ainda assim as marcas do puritanismo introduzidas em seu nascimento a seguirão por muito tempo.

## 1.2. NATHANIEL HAWTHORNE: RESPLENDOR CREPUSCULAR DO SÉCULO XVII NA LITERATURA-NORTE AMERICANA

Em suas repercussões humanas e morais encontramos-lo melhor preservado – *o puritanismo, grifo nosso* –, talvez, nos escritos daquele homem extraordinário que viveu na Nova Inglaterra duzentos anos mais tarde e que era, a despeito de sua emancipação espiritual e faculdades imaginativas, herdeiro direto da consciência puritana de seus antepassados da colônia de Massachusetts – Nathaniel Hawthorne, no século dezenove, fora denominado por Lewis Mumford ‘o resplendor crepuscular do século dezesete. Com ele sobreveio o ocaso do Puritanismo como força espiritual’ (ZABEL, 1947, p.57).

15 Segundo High (1986), os textos de Hawthorne geralmente apresentam um forte sentimento do passado puritano da Nova Inglaterra do século XVII.

16 O moralismo de seus defensores.

Nathaniel Hawthorne carrega consigo o estigma, embotado pelos estudiosos da literatura norte-americana citados nesse trabalho, de o último grande laureado e crítico do puritanismo. Essa interpretação se dá devido os seus *contos* e os seus *romances* exibirem toda a capacidade perceptiva de seu talento em relação à sociedade americana dos primeiros séculos. Neles, percebe-se claramente a Salem dos puritanos com um completo organismo de lei religiosa cuja própria organização social e jurídica é transformada em um cosmos moral em miniatura, dentro de cujos rígidos limites o drama do protesto, da rebelião, do conflito e da personalidade humana lança suas reivindicações.

Ao atingir a literatura norte-americana, pela primeira vez o pleno reflorescimento entre os anos de 1840 e 1860 – o chamado “Golden Day” –, o posto de chefe espiritual e moral foi logo assumido por Ralph Waldo Emerson. Naquela época Emerson desempenhou um papel de Profeta ou Messias. Ele deu aos seus compatriotas uma carta de liberdade e de iniciativa, numa fase nova da história do mundo, inovando o espírito da natureza como guia e emancipador da humanidade democrática<sup>17</sup>.

“Queria Emerson que os americanos criassem um mundo diferente, no qual eles pudessem, qual Adão no paraíso, dar novos nomes a todos os animais do campo e do céu” (ZABEL, 1947, p.149). Segundo ele, ele deveria convidar os homens mergulhados no “Tempo” a se recobrem e saírem do Tempo, saboreando seu imortal ar nativo. Emerson criou um herói para os seus contemporâneos – não um homem de ação, de conquistas ou de trabalho –, um homem pensante, o definitivamente liberto, a quem a capacidade de pensar permitiu unir-se a uma divindade superior

17 “Por que não gozamos nós de uma relação própria com o universo?” perguntou ele. “Por que não temos uma poesia e uma filosofia de observação própria e não de tradição? [...] Por que andamos as apalpadelas com as cinzas do passado? Há novas terras, novos homens, novos pensamentos. Busquemos nossas próprias obras, leis e culto” (ZABEL, 1947, p.149).

do universo, à “suprema inteligência”, com toda a verdade. Para servir a seus semelhantes, Emerson ofereceu o evangelho do “confia em ti mesmo”, uma espécie de ética prática da realização pessoal e da independência espiritual<sup>18</sup>. Muitos entenderam a sua mensagem.

Dentre os primeiros a assimilarem a política de Emerson, destacamos Henry David Thoreau. Não foi apenas em seus dois anos de comunhão solitária com a natureza na floresta de Walden, em Massachusetts, que Thoreau deu exemplo de sua crença na unidade do homem com a natureza. Ele exemplificou-a no caráter, na conduta e no pensamento de toda a sua vida<sup>19</sup>. Thoreau foi considerado um herói da natureza, transformado a partir do ideal emersoniano de completa integridade pessoal. Era contra a lei moral do puritanismo que se posicionavam Emerson e Thoreau. Leis que já se achavam firmemente plantadas na consciência do povo norte-americano, desde a chegada dos europeus.

Mas, nem Emerson nem Thoreau foram artistas fundamentalmente criadores. Eles foram profetas de um ideal. Emerson ocupou-se de uma visão e de uma revelação. Thoreau viveu dentro do universo de sua necessidade pessoal, uma espécie de santidade, de integridade como indivíduo. “Cada um deles baseou suas ideias em premissas de uma inspiração arbitrária, num mandato de idealismo muito pessoal” (ZABEL, 1947, p.151).

Mas, tanto as sociedades quanto os indivíduos exibem em seu desenvolvimento duas tendências divergentes: é possível dizer

---

18 Segundo Emerson, a sociedade, por toda a parte, conspira contra a personalidade de cada um de seus membros. Aquele que quiser ser homem, deverá ser um não-conformista (JAMES, 1966).

19 ‘À proporção que um homem simplifica a sua vida, as leis do universo parecerão menos complexas, a solidão não será solidão, nem a pobreza, pobreza, nem a fraqueza, fraqueza. Se constituíste castelos no ar, vosso trabalho não terá sido em vão; que eles estão aonde deviam estar. Agora, ponde alicerces sob eles’ (ZABEL, 147, 150).

que as sociedades crescem para cima, sob o impulso da esperança, da aspiração, do desejo e da expressão e/ou para baixo, movidas pelo princípio da gravidade, da estabilidade, da unidade orgânica e da solidariedade com o solo que as rega e as nutre. De alguma maneira, ambas as tendências buscam a independência de sua personalidade e de expressão na liberdade de uma atmosfera superior, mas podem encontrar também seus alicerces no solo e na rocha do tempo, da história e da experiência. É certo que quando uma certa maturidade espiritual sobreveio na cultura norte-americana, encontrou seus profetas e visionários. Mas, encontrou também sua consciência moral, seus expoentes da realidade complexa legada ao homem norte-americano pela história – a plena complexidade de sua existência moral e espiritual.

Naquele período, o princípio da visão contrabalançava o princípio da consciência. E foi este último que encontrou expressão na obra de grandes artistas da imaginação, à época de Emerson e Thoreau, de Nathaniel Hawthorne e Herman Melville e, posteriormente, Emily Dickinson e Henry James. Nesses, a literatura norte-americana atingiu pela primeira vez completa maioria e triunfo na arte da ficção<sup>20</sup>. Desse lugar, pela substância específica de suas obras como arte, abandonamos os gênios visionários de Emerson e Thoreau, para buscarmos a verdade, não do ponto de vista de idealismos – como eles pensavam –, mas, de um realismo, que cada vez mais tende a se afastar, em sua prática, dos ensinamentos e da herança da formação puritana.

Emerson não conseguia ler os livros de Hawthorne; nem Hawthorne conseguia ler os livros de Emerson. Emerson era idealista e otimista, amante de coisas e de teorias novas.

Hawthorne o considerava o ‘místico’, estendendo as mãos duma região nebulosa, buscando em vão, alguma coisa real. Emerson é um grande pesquisador de fatos; mas parece que estes se desfazem e se tornam insubstanciais quando os quer prender; Emerson é o ‘eterno repudiador’ de tudo o quanto existe e investigador de algo que nem ele mesmo conhece. Para Emerson, a Noite ou o Dia, o Amor ou o Crime conduzem todas as almas ao bem. [...] Para Hawthorne, sob o mais puro caráter e a mais inatacável reputação podem discernir-se pecados ocultos ou, pelo menos, impulsos secretos para o Mal<sup>21</sup>.

Emerson e Hawthorne, os dois vivendo nas mesmas décadas da história norte-americana, claramente divergiam, seguindo caminhos opostos. Nessa divergência podemos apreciar as correntes em que se divide o povo norte-americano. São filhos da esperança e da culpa; da liberdade e da consciência, do Bem e do Mal. Como todos os povos, herdaram não só o futuro, mas, também, o passado. Eles também lançaram seus galhos e flores na atmosfera superior da liberdade e do desejo – como todo ser humano.

É importante destacar que Salem de muito havia perdido seu antigo rigor como baluarte da ortodoxia puritana quando Nathaniel Hawthorne nasceu. Ela era a rica e próspera capital do comércio marítimo com a Índia e a China e detinha o ruidoso

---

21 Austin Warren, comentando segundo ZABEL (1947, p.152), a respeito do realismo exposto nas obras de Hawthorne.

porto de mar onde o comércio da Nova Inglaterra armazenava os fartos despojos de terras e mares estrangeiros<sup>22</sup>.

Nathaniel Hawthorne não conseguiu êxito tendo tentado viver com Emerson e Thoreau na famosa Brook Farm<sup>23</sup> – como um transcendentalista. Ele era realista demais para viver em um mundo que representava, segundo ele, uma abstração impossível. Ainda que em seu caráter fechado, ele não podia conceber-se ignorando as condições fundamentais da existência humana presentes no cotidiano das pessoas.

Se observarmos mais de perto, o núcleo central da realização de Hawthorne pode ser considerado a tentativa de fundir forma e substância, isto é, o contexto histórico no qual ele estava inserido e a situação dramática na qual as pessoas se encontravam – como relatado em suas obras. Hawthorne sempre tratou da existência humana e de seus dramas em seus escritos. Os seus enredos nos convidam a pensar a vida e no modo como ela foi herdada. É a realidade que Hawthorne sempre busca, e não as circunstâncias. Ele expõe o caráter e o destino de suas personagens numa tentativa de descobrir o que há de mais escondido no coração do homem e, em especial, dos moradores de região de Salem.

Par Henry James (1966), Hawthorne não era um moralista, nem simplesmente um poeta. Isso porque os moralistas são, em

---

22 Hawthorne não parece ter herdado da ulterior prosperidade marítima de Salem. O seu caráter estava mais voltado para a herança espiritual de seus ancestrais puritanos. Para ele, observador nato que era, Salem continuava a ser a velha fortaleza do calvinismo colonial.

23 Em 1841 ele se reuniu, por um breve período, à Comunidade Brook Farm. Essa comunidade fundada por Emerson e Thoreau também era conhecida como a cidade comunal dos filósofos de Concord. Eles criam que um estado ideal podia ser alcançado pelo homem, em sua tentativa de atingir a divindade de sua personalidade. Era uma modalidade de idealismo, cujas principais convicções se baseavam na supremacia da intuição e da consciência (HAWTHORNE, 1960). Para Otto Maria Carpeaux (1987), era uma colônia comunitária de anarquistas pacíficos e poetas sonhadores, quase messianistas que andavam profetizando um futuro utópico para a América. Eles desprezavam as autoridades do puritanismo e zombavam do dogma da predestinação, chegando a negar a verdadeira existência do Mal no mundo.

certo sentido, mais pesados, mais densos e mais ricos. Já os poetas são mais puramente inconsequentes e irresponsáveis. A escritura de Hawthorne alia, em elevado grau, a espontaneidade da imaginação à constante preocupação com os problemas morais. A consciência do homem sempre foi seu tema, porém a encarava à luz de uma fantasia criadora a que acrescentava, de sua própria substância, um interesse.

Como podemos ver, Hawthorne vai revelar um aspecto muito diferente do espírito norte-americano encarnado em Ralph Waldo Emerson: Hawthorne nos apresentou “não às faculdades proféticas e visionárias do espírito americano, mas a seus nervos, sua sensibilidade e sua história e ao destino, seus escrúpulos, e seu inflexível realismo em face da lei” (ZABEL, 1947, p.167).

O mundo das histórias de Hawthorne é bem pequeno, é verdade. É o mesmo mundo do modo de pensar e da mentalidade da Nova Inglaterra. Hawthorne condensou de tal forma sua compreensão daquela mentalidade, que dela fez um microcosmo dos elementos universais da natureza do homem que estão além do tempo e do espaço. Hawthorne alcançou, em suas obras, aspectos do localismo da Nova Inglaterra que se refletem no universalismo de toda sociedade. Sobre esse assunto – a dialética de localismos e universalismos –, de suas obras podemos tirar vários exemplos, como em *O Jovem Amo Brown* conto publicado em 1835. Nele, a voz narrativa deixa claro um questionamento sobre se devemos aceitar a aparência em primeiro lugar ou não.

Essa preocupação parecia dominar alguns moradores da Nova Inglaterra puritana. Hawthorne traz esse registro e quer de alguma maneira chamar atenção para isso. Como autor um pouco mais amadurecido, podemos citar o *Véu Negro do Ministro*, de 1836. Nesse conto, ele deixa claro, bem no centro de sua trama, que

se deve olhar por trás do aparente para se encontrar a verdade e descobrir como as pessoas se vestem de uma falsa moral.

Quando Hawthorne finalmente admite a teoria de que “o exterior geralmente esconde o desejo secreto do coração humano em vez de revelá-lo, ele chega ao mesmo ponto de vista de Herman Melville” (CUNLIFE, 1986, p.109). Segundo Cunlife, Melville também escreve suas mais profundas histórias a partir dessa ótica. Diferentemente dos transcendentalistas<sup>24</sup>, Hawthorne posiciona-se como um leitor da realidade e seu ponto de vista é simplesmente baseado em comportamentos aparentes de pessoas a quem, as personagens de suas obras, podem servir como espelho. Hawthorne demonstra, dessa maneira, o moralismo decadente da sociedade pelo caminho da mera observação, do descompasso entre o interior e o exterior de cada uma de suas criações.

34 Ao lermos *A Filha de Rapaccini* (1844), por exemplo, percebemos que há uma ilustração que contrasta a aparência e a realidade, bem como uma advertência da trágica potencialidade de tudo o que pode acontecer contra a natureza. Nesse texto, é fácil perceber “a representação ambígua dos motivos do ciumento Baglioni que tão simplesmente expõe suas boas intenções enquanto que, ao mesmo tempo, oferece um pequeno vaso de prata que contém destruição” (GUERIN; LABOR, 1966, p.110).

É nessa mesma direção que, ao ler *A Letra Escarlate*, percebe-se claramente que Hawthorne não estava querendo escrever algo convencional. Ele não estava interessado em um triângulo amoroso que culminasse com a fuga do casal de amantes para um paraíso onde eles pudessem viver felizes para sempre. A preocupação de Hawthorne é a respeito daquilo que pode acontecer

---

24 Segundo Henry James citado em Trilling (1965), ele nos afirma que havia realismo demais em Hawthorne para permitir que ele tivesse fé nos reformadores transcendentalistas. Hawthorne era realista demais para transformar as maneiras em credos.

quando um pecado ou falta secreta começa a roer por dentro de uma personagem – como é o caso do hipócrita reverendo Artur dimmesdale – ou do desejo de vingança do outro – do rancoroso Rogério Chillingworth. No caso de Ester, a personagem central da trama e vértice no qual se encontram esses dois outros, o segredo de seu pecado vai se diluindo e desaparece dentro de um processo natural. Nesse destaque, Hawthorne denuncia, pontualmente, a falsa moral de uma sociedade envolta em hipocrisia, que não apresenta chance de conserto ou de reconciliação. Incrivelmente, o método intelectualmente utilizado por Hawthorne é realístico e, ao mesmo tempo, psicológico, no qual a conclusão que pode ser tirada de sua narrativa é de que o segredo pode ser mais destrutivo do que o próprio pecado.

Nathaniel Hawthorne traz em sua obra registros de um moralismo decadente, de um falso moralismo norte-americano – até o período em que viveu. Tendo nascido dentro do impulso romântico do século XIX e desenvolvido os seus textos a partir da tradição gótica do modo de contar histórias, ele criou, assim, o seu próprio estilo literário<sup>25</sup>.

É possível interpretar a obra de Hawthorne, à medida que o tempo passa, com uma forte tendência em abandonar suas experiências com alegorias e cultivar apenas o método de instrução moral – o que dá coerência e certa profundidade aos seus escritos. Hawthorne não era uma figura dogmática, nem um moralista convencional, ele era apenas um grande observador social daquela época, atento à falsa moral impregnada na vida de seus compatriotas de Massachusetts. Sobre esse assunto, nos conta um de seus estudiosos:

---

25 Quando adentramos no *corpus* de sua obra, encontramos o sobrenatural, presente em boa parte de suas histórias. Histórias cujos enredos se caracterizam por habitações assombradas e misteriosas, por personagens com traços diabólicos e por muito suspense.

os elementos moralizantes em suas histórias parecem ter sido introduzidos tanto para o propósito de criar um efeito literário quanto para expressar um puritanismo latente que já estava impregnado em seu imaginário. [...] Ele não tinha qualquer simpatia pelo dogmatismo de seus pais puritanos. Sua aproximação aos problemas morais era oriunda de uma razão indutiva baseada apenas em suas observações e as conclusões que ele lentamente tirava eram, algumas vezes, radicais (CUNLIFE, 1986, pp.108).

Passemos agora, para um breve estudo do comportamento dos principais personagens de *A Letra Escarlata*, considerando cada um deles como indispensáveis para a compreensão do enredo do romance, com destaque para as adequações e inadequações de cada um deles em relação aos seus destinos e situações, imbricados no seio da topografia de Salem.





---

## CAPÍTULO 2

---

Geralmente, da leitura de um romance fica a impressão duma série de fatos, organizados em enredo, e de personagens que vivem estes fatos. É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida em que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha de seu destino – traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente (CANDIDO, 2005, p.53).

## 2.1. AS PERSONAGENS DE A LETRA ESCARLATE E A ORTODOXA PURITANA

A religião e a sexualidade são os dois motores mais poderosos da vida humana. Ver nelas duas realidades diametralmente antagônicas é aceitar uma visão dualista do homem. Fazer delas dois adversários irreduzíveis é dilacerar o coração humano. De fato, ao longo de sua história, o homem conheceu esse dilaceramento (Schubart, 1975, p.7).

38 Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance. É na personagem que reside a possibilidade de adesão afetiva e emocional do leitor. A personagem é o que parece mais vivo no romance. “A leitura do romance depende basicamente da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor” (CANDIDO, 2005, p.54). Pode-se dizer que a personagem “é o elemento mais atuante, mais comunicativo da arte novelística moderna, como se configurou nos séculos XVIII, XIX e começo do século XX” (CÂNDIDO, 2005, p.54). O significado da personagem, ainda segundo Cândido, ganha força dentro do contexto, elevando a sua construção estrutural como a maior responsável pela força de um romance. Segundo Silva:

A personagem constitui um elemento estrutural indispensável na narrativa romanesca. Sem personagem, ou pelo menos sem agente, como observa Roland Barthes, não existe verdadeiramente narrativa, pois a função e o significado das ações ocorrentes em uma narrativa dependem primordialmente da atribuição ou da referência dessas ações a um personagem (1997, p.687).

Sendo ela um ser fictício, a personagem alimenta um paradoxo no qual repousa a força da criação literária: a verossimilhança. Num romance é esse sentimento de verdade que faz com que a criação de fantasia comunique a impressão da mais limpa verdade existencial. A personagem é a concretização da possível relação entre o ser vivo e o ser fictício.

O que faz de *A Letra Escarlata* (1850) um romance importante para literatura americana e mundial é a força com que sua narrativa registra fatos e aspectos da Nova Inglaterra a partir de suas personagens e de suas relações com o meio. O estímulo causado pelas situações desperta interpretações que circulam dentro de planos de ordem e de desordem da sociedade. No romance, as normas rígidas e impecavelmente formuladas criam a aparência e a ilusão de uma ordem regular que não existe e que, por isso mesmo, se constitui um alvo ideal para ser desobedecida.

O narrador de *A Letra Escarlata* deixa claro que o mundo hierarquizado na aparência se revela, essencialmente, subvertido quando nos traz um reverendo, figura que representa a lei e a ordem locais, marchar na direção oposta ao que apregoa.

Cristalizando a experiência sensível à volta de categorias fundamentais da sociedade puritana, Hawthorne atinge uma representação muito rica da percepção. Por serem contraditórias as categorias, as contradições aparecem no cerne mesmo da percepção, tornada ambígua em seu fundamento. (SCHWARZ, 1981, p.140).

A narrativa nos sugere o tempo todo que, assim como a ortodoxia – aquilo que é instituído naquela comunidade como reto e direito impetrado pelos seus representantes da ordem –, a

crença na anti-ortodoxia também existe, estando no mesmo lugar, a ponto de ser desvelada a qualquer momento.

O capítulo que abre o romance, embora com apenas três parágrafos, nos coloca o conflito para o resto da história. O pecado e os rigores da lei parecem ser tão velhos quanto ao próprio tempo e tão poderosos quanto à porta que é feita de pesadas tábuas de carvalho, guarnecida de pontas de ferro e marcada pelas manchas e sinais do tempo.

A ferrugem das enormes pontas de ferro do portão de carvalho dava a impressão de serem mais antigas que qualquer outra coisa no novo mundo. Como tudo quanto pertence ao crime, a prisão parece nunca ter conhecido a quadra da juventude. (HAWTHORNE, 1993, p. 51)<sup>26</sup>

A roseira<sup>27</sup> que brotara ao lado do portão, coberta de delicados botões, e a citação de Ana Hutchinson<sup>28</sup> (1590-1643), logo no início do capítulo, não nos deixam dúvidas de que a leitura que nós propomos fazer redundará em questionamentos a respeito do comportamento dos habitantes daquela região de Salem em relação às ordens sociais ali impostas.

As forças estabelecidas no início do romance recebem

26 The rust on the ponderous iron-work of its oaken door looked more antique than anything else in the New World. Like all that pertains to crime, it seemed never to have known a youthful era. (HAWTHORNE, 1999, p.41).

27 “Mas, a um lado do portão, quase rente da soleira, crescia uma ‘roseira’ brava, coberta neste mês de junho, de delicados botões” (HAWTHORNE, 1993, p. 51).

28 A senhora Anne Hutchinson foi acusada de antinomianismo – ou de negar a força da lei moral da Bíblia – e exilada para Connecticut. O reverendo Roger Williams, que se tornou ‘pregador’ – ou ministro de doutrina – da igreja de Salem em 1631, também foi logo removido para Plymouth, banido da Baía de Massachusetts em 1635, pela mesma razão. In HOWARD, Leon. **A Literatura Norte-Americana**. São Paulo: Editora Cultrix, 1964. p.19. Segundo High (1986), Ana Hutchinson foi perseguida por desejar um ambiente religioso mais leve e mais livre.

um reforço quando da referência àquela mesma comunidade dois séculos atrás. Segundo o narrador de *A Letra Escarlata (1850)*, uma penalidade que poderia representar tão somente uma irrisória infâmia ou escândalo, poderia revestir-se de uma seriedade digna de pena de morte naquele contexto. Daqueles expectadores os condenados não podiam esperar qualquer sentimento de compaixão. “Escassa e fria era a compaixão que um transgressor poderia esperar de tais expectadores sobre o patíbulo” (HAWTHORNE, 1993, p. 53). A presença de palavras lúgubres e pesadas como *prisão* e *cemitério*, além outras como *sepultura*, *sombria* e *ferrugem*, justificam a orientação do narrador citando em tom profético o que vai ser lido nos outros capítulos que seguirão: um conto repassado de fragilidade humana e tristeza (HAWTHORNE, 1993).

Os fundadores de uma nova colônia, seja qual for a Utopia de virtude humana e felicidade originalmente proposta, invariavelmente reconheceram entre as suas primeiras necessidades práticas assinalar uma porção de solo virgem para cemitério, e outra para sítio de uma prisão (p. 51)<sup>29</sup>.

O lugar onde se passa toda a narrativa nos remeterá a Boston, uma província da Nova Inglaterra e, parece-nos, acostumada a sentenças condenatórias proferidas pelo tribunal cidadão composto especialmente por líderes religiosos puritanos. Como comenta o

29 The founders of a new colony, whatever Utopia of human virtue and happiness they might originally project, have invariably recognized it among their earliest practical necessities to allot a portion of the virgin soil as a cemetery, and another portion as a site of a prison (HAWTHORNE, 1993, p.41).

narrador do texto, trata-se de uma vila em que a ordem deve ser seguida de acordo com os dogmas do cristianismo que dominam aquele lugar.

Em qualquer hipótese, os espectadores teriam dado mostra da mesma solenidade de atitude; solenidade que convinha a um povo para o qual religião e lei eram quase idênticas e, em cuja maneira de ser, ambas as coisas se mesclavam tão intimamente, que os atos da pública disciplina, os mais brandos como os mais austeros eram, por igual, objeto de respeito e de temor (HAWTHORNE, 1993, p. 53)<sup>30</sup>.

42 O narrador de Hawthorne nos apresenta a frieza e a aprovação dos moradores da Salem em relação àquela decisão – tudo parece já pertencer ao imaginário da maioria dos que fazem parte daquela comunidade, se não de todos – quando ele nos revela a postura de algumas mulheres, personagens secundárias no enredo, que presenciam aquela cena:

- senhoras, - principiou uma dama de má catadura, já entrada na casa dos cinquenta, - vou dizer-lhes um pouco do que penso. Seria muito vantajoso para o público, se nós mulheres, de idade madura e membros da igreja, que gozamos de boa reputação, tornássemos à nossa conta o julgamento de uma malfetora como essa Ester Prynne. Que pensam as comadres? Se a rapariga

---

30 In either case, there was very much the same solemnity of demeanour on the part of the spectators, as befitted a people among whom religion and law were almost identical, and in whose character both were so thoroughly interfused, that the mildest and severest acts of public discipline were alike made venerable and awful (HAWTHORNE, 1999, p.43).

comparecesse em juízo perante nós cinco, que estamos aqui reunidas, a fé do que sou, teria de ouvir uma sentença bem diferente da que as dignas autoridades promulgaram (HAWTHORNE, 1993, p. 54)<sup>31</sup>.

Outra mulher também diz: “os magistrados são homens tementes a Deus, mas compassivos em demasia, disso não há duvidar, - acrescentou uma terceira matrona outonal -, quando menos, deviam ter marcado a ferro em brasa a testa de Ester Prynne” (HAWTHORNE, 1993, p. 55). A postura punitiva dessas mulheres é o reflexo daquele povo. Na mesma cena, outra personagem-expectadora, apresentando um comportamento ainda mais desumano, reforça:

Esta mulher envergonhou a nós, todas, e devia morrer. Não existe uma lei para isso? Existe sim, tanto nas Escrituras como no código. Depois os magistrados, que passaram por cima dela, agradeçam a si mesmos, si suas mulheres e filhos se desencaminharem! (HAWTHORNE, 1993, p. 55)<sup>32</sup>.

Não é difícil concordar com Roberto Schwarz a respeito do que ele comenta em relação à postura das matronas na Salem de Nathaniel Hawthorne:

31 ‘Goodwives,’ said a hard-featured dame of fifty, ‘I’ll tell ye a piece of my mind. It would be greatly for the public behoof if we women, being of mature age and church members in good repute, should have the handling of such female actresses as this Hester Prynne. What think ye, gossips? If the hussy stood up for judgment before us five, that are now here in a knot together, would she come off with such a sentence as the worshipful magistrates have awarded?’ (HAWTHORNE, 1999, p.44-45).

32 ‘This woman has brought shame upon us all, and ought to die; is there not law for it? Truly there is, both in the Scripture and the statute book. Then let the magistrates, who have made it of no effect, thank themselves if their own wives and daughters go astray!’ (HAWTHORNE, 1999, p.45).

A formulação é extrema. Parece que em Salem sem a pena capital as mulheres perdem-se todas. A função da lei é claramente repressiva. É da natureza das mulheres em Salem perderem a virtude, não fosse o medo de segurá-las. O padrão é mais ou menos o seguinte: a natureza – a carne – é culpada (SCHWARZ, 1981, p.141).

Submetidos a essas forças e a esse imaginário, aparecerão os principais personagens de Hawthorne, os quais nós nos propomos a entender de acordo com os papéis que cada um desenvolve dentro daquela esfera crivada de sentimentos e relacionamentos.

### 2.1.1. *ESTER*

Em dados contextos socioculturais, o escritor cria os seus heróis na aceitação perfeita daqueles códigos: o herói espelha os ideais de uma comunidade ou de uma classe social, encarnando os padrões morais e ideológicos que essa comunidade ou essa classe valorizam. [...] Noutros contextos históricos e sociológicos, pelo contrário, pode ser valorizado por um movimento artístico, por um grupo de escritores ou até por um escritor isolado, a transgressão dos códigos prevalecentes numa dada sociedade: o herói em vez de se conformar com os paradigmas aceites e exaltados pela maioria da comunidade, aparece como um indivíduo em ruptura e conflito com tais paradigmas (SILVA, 1997, p.700).

A mulher em destaque logo no primeiro capítulo do romance e que está sendo apresentada ao povo – e ao leitor – é Ester Prynne. O seu aparecimento traz, à sua frente, uma figura com uma espada a tiracolo, representando em seu aspecto toda a cruel severidade que o código puritano apresenta para o cumprimento de suas formas e decisões rígidas que são aplicadas aos transgressores. “Estendendo para frente o bastão oficial com a mão esquerda, assentou a direita no ombro de uma mulher ainda nova, fazendo-a avançar” (HAWTHORNE, 1850, p. 55)<sup>33</sup>. A condenada serviria de exemplo para toda a comunidade. A disciplina era parte do código puritano. Competia aos magistrados fazer cumprir e, por dever do cargo que defendiam, aplicar as penas em conformidade com a lei local.

Mas, nunca Ester se mostrara mais bela e senhoril, no melhor significado do termo, do que quando saiu da prisão, como nos conta o narrador do romance. Os que antes a conheciam e esperavam contemplá-la, velada e coberta por uma nuvem de decepção, ficaram admirados ao reparar tamanha formosura, mesmo depois daqueles dias dentro da cadeia municipal.

A jovem mulher, de elevada estatura, era um modelo de requintada elegância. Cabelo escuro e farto, lustroso ao ponto de refletir a luz solar; o rosto, belo pela regularidade dos traços e riqueza de colorido, impressionava pela proeminência da fronte e pela cor negra dos olhos. Nada lhe faltava para ser uma perfeita dama, de acordo com as normas de gentileza feminina daqueles

---

33        Stretching forth the official staff in his left hand, he laid his right upon the shoulder of a young woman, whom he thus drew forward, until, on the threshold of the prison-door, she repelled him, by an action marked with natural dignity and force of character, and stepped into the open air as if by her own free will (HAWTHORNE, 1999, p.46).

dias, caracterizada por um certo porte e dignidade, mais que pela delicada, evanescente e indiscutível graça, que para nós, hoje, é o mais sublime predicado da mulher (HAWTHORNE, 1993, p. 56)<sup>34</sup>.

Ester carregava, ainda, em um de seus braços, uma criança a quem ela deu à luz ainda na prisão. Além de sua beleza, incomum a um ser humano aprisionado, um adorno fantásticamente tecido enfeitava suas vestes. Ela chamava atenção de todos, mais agora, paradoxalmente, pela sua beleza do que pelo erro que cometera.

Mas, o ponto que atraía todos os olhares e que, por assim dizer, operava nela uma transformação, de sorte que todos quantos conheciam na intimidade, Ester Prynne experimentava agora a impressão de verem pela primeira vez era aquela grande letra escarlate, tão fantásticamente entretecida e iluminada sobre seu seio (HAWTHORNE, 1993, p. 56)<sup>35</sup>.

Pelo adultério cometido, como punição, Ester deveria usar uma letra escarlate sobre o peito com as iniciais do pecado

---

34 The young woman was tall, with a figure of perfect elegance on a large scale. She had dark and abundant hair, so glossy that it threw off the sunshine with a gleam; and a face which, besides being beautiful from regularity of feature and richness of complexion, had the impressiveness belonging to a marked brow and deep black eyes. She was ladylike, too, after the manner of the feminine gentility of those days; characterized by a certain state and dignity, rather than by the delicate, evanescent, and indescribable grace which is now recognized as its indication. (HAWTHORNE, 1999, p.46).

35 But the point which drew all eyes, and, as it were, transfigured the wearer—so that both men and women who had been familiarly acquainted with Hester Prynne were now impressed as if they beheld her for the first time—was that SCARLET LETTER, so fantastically embroidered and illuminated upon her bosom. It had the effect of a spell, taking her out of the ordinary relations with humanity, and enclosing her in a sphere by herself. (HAWTHORNE, 1999, p.47).

cometido – a letra “A” para Adulterio – bem no patíbulo da praça da feira e por tempo suficiente para que todos a pudessem ver.

O descompasso entre a interioridade de cada personagem do romance e a realidade exterior em que vivem denuncia as suas relações problemáticas na história. A fragilidade nas relações entre os homens que moram em Salem começa na própria comunidade. Nela nasce todo o conflito que vai compor o resto da história. Homens e mulheres se aglomerando à porta da prisão para ver passar uma mulher acusada de adultério. A comunidade exige das autoridades uma punição digna do tamanho do erro cometido. Assim,

...multidão de homens Barbados, trajando vestes de cor sombria, a cabeça coberta por chapéus cinzentos em forma de canudo, à mistura com mulheres, das quais usavam toucas e outras de cabelos ao léu, se comprimia diante de um edifício de madeira, a porta do qual era feita de pesadas tábuas de carvalho, guarnecidas de pontas de ferro. (HAWTHORNE, 1993, p. 54)<sup>36</sup>

Nathaniel Hawthorne se mostra como alguém que vê o homem a partir de uma lente bastante intrigante, frágil e na maioria das vezes pessimista. Nessa direção encontramos sempre na leitura de *A Letra Escarlata* (1850) justificativas para apresentar a natureza frágil e limitada do homem diante da força da realidade exterior que, por ele é criada e que, ainda assim, o subjuga. O homem de Salem que cria essa mesma realidade, nela vive e nela

---

36 A throng of bearded men, in sad-coloured garments and grey steeple-crowned hats, inter-mixed with women, some wearing hoods, and others bareheaded, was assembled in front of a wooden edifice, the door of which was heavily timbered with oak, and studded with iron spikes HAWTHORNE, 1999, p.41).

morrerá em plena decadência, pois não pode aguentar o peso de suas próprias ordenanças.

A reação defensiva de Ester Prynne, pela frieza com que a condenaram e a austeridade com que todos a olhavam implacavelmente concentrados em seu seio, culmina com uma volta ao passado onde ela encontra motivos para se manter viva. De cima do patíbulo onde ela estava e olhando para aquela multidão abaixo que não lhe tira os olhos, ela parece delirar ao ser tomada por imagens de sua terra natal e de seus pais na Inglaterra onde ela havia passado seus dias de infância.

De pé, naquele estado de ignomínia, ela reviu a aldeia natal, na velha Inglaterra, e a casa paterna, uma casa desmantelada de pedra cinzenta, respirando pobreza, mas atentando por cima da porta um brasão de armas meio obliterado, em sinal de nobreza antiga. Viu o rosto do pai de frente alta, despido de cabelo, enquadrado na alvura de uma barba respeitável, assente sobre a gola de tufos, segundo os cânones da moda Elisabetana; viu também o rosto de sua genitora, de olhar atento e amoroso, aquele olhar que nunca se apagará no espírito (HAWTHORNE, 1993, p. 60)<sup>37</sup>.

---

37 Standing on that miserable eminence, she saw again her native village, in Old England, and her paternal home: a decayed house of grey stone, with a poverty-stricken aspect, but retaining a half obliterated shield of arms over the portal, in token of antique gentility. She saw her father's face, with its bold brow, and reverend white beard that flowed over the old-fashioned Elizabethan ruff; her mother's, too, with the look of heedful and anxious love which it always wore in her remembrance, and which, even since her death, had so often laid the impediment of a gentle remonstrance in her daughter's pathway. (HAWTHORNE, 1999, p.51).

Em meio ao seu devaneio descrito pelo narrador, introduz-se na mente de Ester a imagem de um homem de certa idade, rosto pálido de olhos escuros, com características de alguém que gastara muitas horas com os livros, a estudar. Ester percebe que não é somente uma imagem. Ele está realmente no meio da multidão.

O reconhecimento de Ester é instantâneo e logo será descoberto que aquele é o seu marido. O narrador descreve o motivo da punição de Ester nos apresentando o seu marido que havia antes, desaparecido.

Caro Senhor, aquela mulher estava casada com um certo homem ilustrado, inglês de nascimento, mas que viveu em Amsterdã durante um tempo. Daí, já lá vai alguns bons pares de anos, ele cuidou de atravessar o Atlântico e de fixar residência entre nós, em Massachusetts. Com esse intuito, mandou à frente a esposa enquanto ele ficou na Europa a fim de regular uns negócios. Durante dois anos, pouco mais ou menos que esta mulher residia aqui, em Boston, não chegaram notícias de Mestre Prynne, que assim se chamava o erudito cavalheiro; e sua esposa, como vê, ficou entregue a seus extravios (HAWTHORNE, 1993, p. 62)<sup>38</sup>.

A presença desse homem denuncia o adultério ao qual Ester é o ponto comum onde se encontram duas outras vidas

---

38 Yonder woman, Sir, you must know, was the wife of a certain learned man, English by birth, but who had long ago dwelt in Amsterdam, whence some good time ago he was minded to cross over and cast in his lot with us of the Massachusetts. To this purpose he sent his wife before him, remaining himself to look after some necessary affairs. Marry, good Sir, in some two years, or less, that the woman has been a dweller here in Boston, no tidings have come of this learned gentleman, Master Prynne; and his young wife, look you, being left to her own misguidance—' (HAWTHORNE, 1999, p.55).

– conheceremos a outra logo a seguir – de histórias completamente diferentes. Todos em Salem sabem o que está acontecendo e como e porque aquela mulher chegou até ao patíbulo da praça. A comunidade reclama envolta numa nuvem de ira e de revolta. Ester havia quebrado um mandamento.

Como parte de toda aquela punição, Ester haveria de ser interrogada com o intuito de fazê-la confessar o responsável pela sua queda. Várias tentativas foram feitas pelo reverendo Wilson e sem obter qualquer sucesso. Em uma das ocasiões, ironicamente, respondendo sobre quem seria o pai de sua filha, Ester respondeu que ela não precisaria do pai terreno uma vez que a criança haveria de ter um pai no Céu. “Não falarei! -olveu Ester, tornando-se pálida como a morte, em resposta àquela voz, que ela seguramente reconheceu. - Minha filha deve procurar um pai no céu, pois na terra nunca o encontrará” (HAWTHORNE, 1993, p. 67)<sup>39</sup>.

O modo como Ester defende o seu amante, o pai de sua criança, mostra sua tamanha força e generosidade em protegê-lo – e a sua capacidade de deixar-se envolver pelo amor que sente. Nem mesmo todo o poder do discurso religioso com ênfase no pecado e com referência à letra escarlata sobre o seu peito, despertando terrores à imaginação de todos que o ouviam, seria capaz de arrancar dela qualquer pista do pai daquela criança. Inutilmente, Ester fora trazida de volta para a prisão, sumindo-se aos olhares do público com ela decepcionado diante de todas as tentativas frustradas de lhe arrancarem o nome do pai da criança. Em termos puramente humanos, o caráter de Ester parece ter sido afetado provocando-lhe mudanças. Agora as evidências mostravam que ela era uma mulher forte, mas de uma moral falsa do ponto de vista

---

39 “I will not speak!” answered Hester, turning pale as death, but responding to this voice, which she too surely recognized. ‘And my child must seek a heavenly father; she shall never know an earthly one!’” (HAWTHORNE, 1999, p.60).

de todos os moradores daquela vila puritana da Nova Inglaterra. A desobediência de Ester faz dela escória de toda aquela comunidade, pois ela ultrapassará os limites para aquela sociedade.

Após o confinamento na prisão e paga parte de sua sentença, Ester pode sair e retornar a sua vida na comunidade de Salem. Mas, o porvir se apresentava demasiadamente incerto. Não seria fácil encontrar estímulos que a fizessem sair daquela dolorosa situação em que ela se encontrava. Sabia que: “dia a dia, ano a ano, a pesada carga iria engrossando sobre a montanha de sua vergonha” (HAWTHORNE, 1993, p. 75)<sup>40</sup>. O estigma de pecadora, reforçado pela letra escarlate tecida em seu peito, seria prova de sua fraqueza e derrota, tornando-a sempre um símbolo de imoralidade na boca dos pregadores.

As almas jovens e puras seriam adestradas ao olhar para ela, com a letra escarlate reluzente sobre o peito, - para ela, a filha de pais de nobre estirpe, - para eles, a mãe de um bebê, que com o andar do tempo seria mulher, - para ela, que também um dia fora inocente, como figura, corpo, encarnação do pecado (HAWTHORNE, 1993, pp. 75-76)<sup>41</sup>.

Ester não pode sair de Salem, mesmo que desejasse pelos laços que lá existem: em primeiro lugar porque ela sabe quem é o pai da criança e, em segundo lugar, porque o pecado e a ignomínia eram as raízes que a prendia ao solo daquela comunidade. Eles

---

40 For the accumulating days and added years would pile up their misery upon the heap of shame (HAWTHORNE, 1999, p.70).

41 Thus the young and pure would be taught to look at her, with the scarlet letter flaming on her breast – at her, the child of honorable parents, at her, the mother of a babe, that would hereafter be a woman, at her, who had once been innocent – as the figure, the body, the reality of sin (HAWTHORNE, 1999, p.70).

a sacrificaram como a um bode expiatório a fim de manter vivo o contrato social daquela cidade de Boston.

Por isso Ester não fugiu. Nos subúrbios da cidade, dentro de perímetro da península, mas distante de qualquer outra habitação, havia um pequeno chalé coberto de colmo. Fora construído por antigo colono, mas encontrava-se abandonado, porque o solo em volta não se prestava para cultivo (HAWTHORNE, 1993, p. 77)<sup>42</sup>.

52 O isolamento de Ester a impele a buscar o seu sustento a partir do bordado que ela tão bem sabia fazer. Ela havia confeccionado a sua própria letra 'A'. Com toda a sua perícia na arte de bordar e costurar, ela aprofundara sua habilidade uma vez que nada tinha para fazer a não ser buscar seu sustento. Com o passar do tempo, aquela sua habilidade oferecerá à comunidade de Salem 'lindos bordados'. Ela tornar-se-á destacada e útil, tornando-se conhecida por essa arte. Sua habilidade passa a contradizer todo o costume de Salem. Seu trabalho, com o tempo, decora festas e cerimônias públicas, inaugurações oficiais. Ela faz luvas, golas e todas as extravagâncias para os ricos que contratam os seus serviços<sup>43</sup>.

A hipocrisia em Salem é revelada cada vez mais, na medida em que lemos o romance. Não é difícil perceber que a cada dia que passava o sofrimento que imputaram em Ester teria sido duro demais e, até certo ponto, desnecessário.

---

42 Hester Prynne, therefore, didn't flee. On the outskirts of town, within the verge of the peninsula, but not in close vicinity to any other habitation, there was a small thatched cottage. It had been built by an earlier settler, and abandoned because the soil about it was too sterile for cultivation (HAWTHORNE, 1999, p.71).

43 O Capítulo 5 de *A Letra Escarlate* (HAWTHORNE, 1993) mostra a grande habilidade de Ester em tecer vestimentas a partir de suas próprias costuras.

Mas, Ester tinha agora a sua parcela de contribuição na sociedade. Ainda assim, com a parte do dinheiro que ganhava dos trabalhos que fazia, Ester dedicava-se a caridade. “Com exceção destes reduzidos gastos com o adereço da filhinha, Ester dispensava o supérfluo em obras de caridade” (HAWTHORNE, 1993, p. 79)<sup>44</sup>. E mais, era por todos sabido que a boa porção do tempo que poderia aplicar ao exercício de sua arte, Ester o empregava para confeccionar roupas para os pobres (HAWTHORNE, 1993).

O aparecimento dessa nova Ester, com os seus atos de caridade, lhe trará um valor quase que angelical. Seu trabalho é bom para os proscritos de Salem. Mas, ainda assim, Ester vivia à parte dos interesses morais de Salem. Até mesmo os mais pobres, a quem ela socorria, a ultrajavam, por vezes.

A mudança de Ester é fenomenal. Após sete anos de dedicação aos pobres indigentes daquela comunidade, a sua letra “A” – que carrega no peito como marca de Adultério – ganhava outros significados: agora era o “A” de Apóstola, pela abnegação com que se dedicava àquela gente. “Muita gente se recusava a interpretar a letra escarlata no seu primitivo significado. Diziam que significava apóstola, tal a fortaleza de ânimo, de que Ester se mostrava revestida” (HAWTHORNE, 1993, pp. 138-139)<sup>45</sup>. A quem diga que nesse ponto o “A” poderia apontar para “Anjo” também.

Da mesma forma como Ester crescera, aos olhos dos outros, nas relações que defendia em sua comunidade, ela crescera também interiormente. As circunstâncias em que se encontrara por todos aqueles anos construíram nela um novo caráter. Não

44 Except for that small expenditure in the decoration of her infant, Hester bestowed all her superfluous means in charity (HAWTHORNE, 1999, p. 74).

45 Many people refused to interpret the scarlet letter “A” by its original significance. They said that it meant “Able”, so strong was Hester Prynne, with a woman’s strength” (HAWTHORNE, 1993, p. 145).

acreditava nas leis dos homens e sempre estava pronta para resisti-los, à sua maneira. E se não questionava alguma coisa abertamente era por amor a sua filha, Pérola. Ester conhecia bem o potencial dos líderes daquela comunidade.

A atmosfera opressiva e as marcas que a estigmatizaram reprimem-na, mas também lhe oferecem outro sentido: o sentido do “mal” que impuseram em Ester faz com que ela compreenda-o e muito bem. Ester entende que agora ela pode ver o pecado escondido em outras pessoas, especialmente o pecado da hipocrisia. Ester sente a presença do pecado nos magistrados do mesmo modo que ela o sente em certas mulheres, que se dizem ter boa reputação.

A partir dessa habilidade desenvolvida por Ester, o narrador de *A Letra Escarlata* vai denunciando o modo como a falsa moral e a hipocrisia do sistema de relações humanas em Salem é evidente. Pouco a pouco vamos percebendo que há um enorme caos dentro daquele cosmos que se mostra, só aparentemente, organizado.

Ester é, portanto, a heroína em *A Letra Escarlata*. O seu grande defeito é o excesso de paixão que é considerado um “pecado” naquele mundo de dogmáticas convenções. Mas, na medida em que lemos o livro, podemos dizer que esse excesso vai desaparecendo. Logo percebemos que Ester é mais forte do que Chillingworth e Dimmesdale – como veremos a seguir. Apesar de tudo, ela consegue – embora estando mais isolada da comunidade – manter um relacionamento mais próximo às pessoas do que os dois que, mesmo estando inseridos no seio da sociedade, não o fazem.

O que fica claro para nós é o fato de que o amor e o cuidado que ela demonstra e desenvolve para com a sua filha, por exemplo, protegem-na de se perder dentro do vasto labirinto de sua mente,

onde as marcas do seu erro habitam de dia e de noite. Ester torna-se impensável sem a sua companheira, Pérola. Ela, em certo sentido, é a razão pela qual Ester vive. A sua penitência, e o seu aspecto até certo ponto de aceitação da sua condição, somente acabará quando o pai de Pérola, o reverendo Dimmesdale, se revelar.

Goethe (*Apud* LUKÁCS, 1965, p.198), afirma que “o herói do romance deve ser passivo, ou pelo menos, não excessivamente ativo”. Sobre isso, Lukács continua: “esta passividade do herói do romance é exigida por considerações da natureza formal: ela é necessária a fim de que, em torno dele, possa se desenvolver em toda a sua amplitude, a totalidade do mundo” (LUKÁCS, 1965, p.199).

O herói do romance é sempre, portanto, uma subjetividade solitária. Ele e o seu cenário caminham em passos diferentes – no caso exposto em *A Letra Escarlate* o cenário é a sociedade. É, de certa forma, a passividade de Ester – a partir do pecado que cometera – e o seu comportamento que expõem, de maneira bastante esclarecedora, todo o funcionamento da sociedade puritana de Salem<sup>46</sup>.

Nesse ponto o romance pode expressar uma espécie de unidade entre sentido e vida, mas uma unidade projetada no passado, apenas como objeto de recordação. É que no presente o mundo sempre derrota o herói e frustra seus anseios de reconciliação. Mas, quando o herói recorda seu fracasso, paradoxalmente ele está em harmonia com o mundo, pois deu sua contribuição para a compreensão da realidade em sua volta.

---

46 A força de Ester está na sua postura passivo-contemplativa, a sua vida é contada quase como sua biografia.

### 2.1.2. *ARTUR DIMMESDALE*

O jovem teólogo, cuja fama de estudante ainda perdura em Oxford, era considerado, por seus mais ferventes admiradores, como pouco menos que um apóstolo ordenado pelo céu, para, enquanto tivesse vida e saúde, realizar por seu trabalho tão sublimes feitos na igreja da Nova Inglaterra, de recente criação, como os antigos Santos Padres, havia realizado na infância da Igreja Cristã (HAWTHORNE, 1993, p.106)<sup>47</sup>.

Na mesma cena de apresentação da culpada, no início do romance, aparece a figura do reverendo Artur Dimmesdale, jovem autoridade entre os magistrados, como expectador de toda a cena e como piedoso pastor da infeliz mulher. Todos em Salem reconheciam o reverendo Dimmesdale como um homem coerente com o que ensinava, além de ser pastor eloquente e fervoroso. Mas, naquela primeira cena, Dimmesdale já parece tão diferente da multidão quanto à mulher condenada. Há nos olhos dele um tom de melancolia e um ar de apreensão e timidez.

Durante aquele momento, após várias tentativas de fazer Ester confessar quem era o pai da Criança, o reverendo Wilson – principal autoridade religiosa local – pede ao jovem clérigo Dimmesdale para também introduzir-lhe um sermão. O poderoso discurso proferido por Dimmesdale foi seguido pelo olhar atento

47 The young divine, whose scholar-like renown still lived in Oxford, was considered by his more fervent admirers as little less than a heavenly ordained apostle, destined, should he live and labor for the ordinary term of life, to do as great deeds, for the now feeble New England Church, as the early Fathers had achieved for the infancy of the Christian faith (HAWTHORNE, 1999, p.107).

de Ester que, mesmo assim, ao final, se recusara a confessar quem era o pai da criança.

As reações de Dimmesdale – ao que ele próprio diz e a recusa de Ester sem dar sinais de respostas – são tanto uma tentativa de denunciar sua própria culpa quanto uma revelação de seu medo de ser descoberto. Dimmesdale se contradiz: ele manda obedecer à lei e é transgressor dela. Sua postura de reverendo é oralmente válida, entretanto. O seu discurso é demarcado pela eloquência religiosa a ponto de tentar convencer Ester a denunciar seu amante.

Ester Prynne – disse, debruçando-se sobre a sacada e fitando firme, os olhos dela –, ouves o que este santo homem diz e vês a responsabilidade que pesa sobre seus ombros. Se sentes que daí te vem paz à alma, e que tua punição terrestre contribuirá mais por esse meio para a tua salvação, exorto-te a que reveles o nome do teu companheiro de pecado e de sofrimento! Não guardes silêncio, movido de qualquer sentimento de falsa compaixão e ternura para com ele; pois acredita em mim Ester, embora ele devesse baixar de um alto posto e estar ai ao teu lado nesse pedestal de ignomínia, isso seria preferível a encobrir, pela vida fora, um coração ignominioso (HAWTHORNE, 1993, p.66)<sup>48</sup>.

48 'Hester Prynne,' said he, leaning over the balcony and looking down steadfastly into her eyes, 'thou hearest what this good man says, and seest the accountability under which I labor. If thou feelest it to be for thy soul's peace, and that thy earthly punishment will thereby be made more effectual to salvation, I charge thee to speak out the name of thy fellow-sinner and fellow-sufferer! Be not silent from any mistaken pity and tenderness for him; for, believe me, Hester, though he were to step down from a high place, and stand there beside thee, on thy pedestal of shame, yet better were it so than to hide a guilty heart through life lamp? What can thy silence do for him, except it tempt him—yea, compel him, as it were—to add hypocrisy to sin (HAWTHORNE, 1999, p.59).

A ambivalência de suas palavras projeta culpa, medo e hipocrisia de uma consciência que sofre e que acompanhará a sua personalidade – dupla personalidade, pois ele é o pai não assumido daquela criança que Ester traz no colo diante do povo e do eventual inimigo, Rogério Chillingworth. As tentativas dos magistrados se frustram ante a postura inabalável de Ester. Ela recusa-se a dizer quem é o pai da criança. Ao final da cerimônia, outra prédica sobre o pecado, em todas as suas manifestações e com referências contínuas à letra escarlate sobre o peito de Ester, foi conferida aos ouvintes. Ester suporta tudo aquilo em silêncio.

Enquanto a prédica é anunciada a criança chora como quem entendesse toda aquela agressão contra a sua mãe e, também, a omissão vergonhosa de seu pai. Ela chorava como se ela soubesse que não precisaria e não deveria estar ali. Até os dias de sua maioridade, perceberemos que ela, por disposição própria, nunca terá pertencido àquela cidade de Salem. Pérola, como era chamada, estaria naquele contexto como uma personagem além do bem e do mal.

Desse momento em diante, a desintegração do reverendo tem início. O drama de Dimmesdale se agrava cada vez mais a cada dia que passa uma vez que ele é um pecador não publicamente assumido. Aspectos de uma covardia e falsa moral, que não podem ser dignos de um homem em busca da verdade, revelam o medo que o pastor tem da própria sociedade da qual ele faz parte. A sua postura hipócrita, durante todo o romance, denuncia o alto preço que ele pagará pelo seu falso comportamento.

Na medida em que lemos o enredo do romance, percebemos que é possível fazer muita crítica em relação à natureza espiritual e psicológica de Dimmesdale. O romance traz uma reflexão bastante

dura a respeito da postura do jovem reverendo durante toda a história. O narrador em alguns momentos menciona que algumas jovens senhoras da comunidade tem uma espécie de afetividade, tanto espiritual quanto romântica para com Dimmesdale<sup>49</sup>. O fato é que, de alguma forma, ele mostra-se como um modelo para todos na comunidade.

Esse ponto é de grande valor no desenrolar da história. Mas, o que alguém pode julgar como sendo uma espécie de respeito pela boa reputação do pastor pode ser também compreendido como uma atração física e emocional para com ele. Embora nunca esteja literalmente explicado no texto, o envolvimento de Ester com Dimmesdale pode ter sido oriundo dessa primeira atração. Pode-se considerar que realmente existe uma espécie de masculinidade e paixão destacáveis no jovem reverendo. A paixão que tomara Ester certamente também deve ter tomado conta de algumas jovens de sua comunidade.

A mudança no caráter de Dimmesdale impressiona, pois praticamente não sobra mais nada do seu caráter para contestar sua culpa até o final do romance. Dimmesdale perdera completamente a fé em si mesmo, dando lugar para o mal, deixando-se dominar pela força da lei. Ele se torna desiludido e desanimado, chegando a ponto de ficar cínico diante de todas aquelas circunstâncias. Fraco e sozinho, ele tende a cair de uma vez não tendo mais otimismo e forças para se refazer, justificando o seu caráter decadente diante da desilusão imposta pelo peso da vida e pelo legalismo existente em Salem – é o que acontece no final do romance.

---

49 “As virgens de sua igreja empalideciam em torno dele, vítimas de uma paixão tão entranhada de sentimento religioso que imaginavam ser todo religião” (HAWTHORNE, 1993, p.123) [The virgins of his church grew pale around him, victims of a passion so imbued with religious sentiment, that they imagined it to be all religion (HAWTHORNE, 1999, p.128)].

Mas, inocentemente, como é de se esperar da maior parte da população, a ingenuidade e o desconhecimento dos moradores de Salem os levam a pensar que a mudança que o reverendo passa a apresentar visivelmente no corpo é resultado de sua dedicação eclesiástica – pastoral – àquela comunidade.

Para aqueles que estavam mais familiarizados com seus hábitos, a palidez do rosto do jovem ministro era interpretada como resultado de excessiva aplicação ao estudo e de escrupuloso cumprimento dos deveres paroquiais e, mas que tudo, aos jejuns e vigílias em que se consumia, com fim de evitar que a rude crosta e seu arcabouço corpóreo obstruíssem ou obscurecesse a luz da lâmpada que lhe iluminava o espírito. [...] Dia a dia o organismo ia definhando; a voz, embora continuasse bem timbrada e melíflua, trazia um certo tom melancólico e profético de decaimento; frequentemente, ao mais leve alarme ou súbito incidente, levava a mão ao peito, ao mesmo tempo em que seu rosto, primeiro, corava e, logo a seguir, se cobria de uma palor, indicativo de sofrimento (HAWTHORNE, 1993, p.106-107)<sup>50</sup>.

---

50 By those best acquainted with his habits, the paleness of the young minister's cheek was accounted for by his too earnest devotion to study, his scrupulous fulfillment of parochial duty, and more than all, to the fasts and vigils of which he made a frequent practice, in order to keep the grossness of this earthly state from clogging and obscuring his spiritual lamp (...) His form grew emaciated; his voice, though still rich and sweet, had a certain melancholy prophecy of decay in it; he was often observed, on any slight alarm or other sudden accident, to put his hand over his heart with first a flush and then a paleness, indicative of pain (HAWTHORNE, 1999, p.107).

A queda no semblante de Dimmesdale e as mudanças que ele vem apresentando é fruto de uma dedicação cada vez maior à oração e ao trabalho pastoral, segundo os moradores de Salem. Chega-se a comentar, na comunidade, que o chão que ele agora pisa se tornara santificado<sup>51</sup>. Mas, por outro lado, o pastor questiona a possibilidade de nascer grama sobre o seu túmulo quando ele morresse, tão sófrego está o seu estado. “E durante todo este tempo, quiçá, o desditoso Dimmesdale estaria pensando em sua sepultura, interrogando a si mesmo se a erva cresceria sobre ela, uma vez que por baixo estava enterrada uma coisa ruim” (HAWTHORNE, 1993, p.123-124)<sup>52</sup>.

Entre todas as suposições que pudessem existir a respeito do estado do reverendo, havia aquela que entendia que a chegada do Dr. Chillingworth havia sido providenciada por Deus, a fim de ajudar ao reverendo Dimmesdale. “Firmou-se um boato apesar de absurdo, espalhado por muita gente, de que o céu operara um milagre, transportando o iminente doutor em medicina, desde uma universidade Alemã, pelo ar, em corpo e alma, e o colocara a porta do gabinete de estudo de Dimmesdale” (HAWTHORNE, 1993, p.107)<sup>53</sup>.

---

51 “Reputavam o jovem clérigo um portento de santidade. Imaginavam-no o intérprete celestial de mensagem de sabedoria, de censura, de amor. Criam que o terreno onde punha os pés era santificado” (HAWTHORNE, 1993, p.123) [They fancied him the mouth-piece of Heaven’s messages of wisdom, and rebuke, and love. In their eyes, the very ground on which he trod was sanctified] (HAWTHORNE, 1999, p.128).

52 And all this time, perchance, when poor Mr. Dimmesdale was thinking of his grave, he questioned with himself whether the grass would ever grow on it, because an accursed thing must there be buried (HAWTHORNE, 1993, p.128).

53 A rumour gained ground—and however absurd, was entertained by some very sensible people—that Heaven had wrought an absolute miracle, by transporting an eminent Doctor of Physic from a German university bodily through the air and setting him down at the door of Mr. Dimmesdale’s study! (HAWTHORNE, 1999, p.108).

Mesmo doente e ciente da sua falta, Dimmesdale afirmava: “– Não preciso de medicina!” (HAWTHORNE, 1993, p.108)<sup>54</sup>. Os sinais no corpo de Dimmesdale denunciavam descontrole entre o racional e o emocional. O ‘mal-estar’ que perseguia o pastor estaria entre estes dois pontos, nitidamente.

Com o tempo, as especulações dos habitantes de Salem também passam a desconfiar do caráter maléfico do doutor Chillingworth – seu principal antagonista. Aquele médico que era capaz de salvar muitas pessoas da morte poderia ser a causa das dores do jovem pastor. A sua convivência entre os índios e a aprendizagem de alquimia - a manipulação de ervas e raízes - podiam ter feito dele uma espécie de bruxo.

Dois ou três indivíduos insinuavam que o homem da ciência, durante o cativeiro entre os índios, alargara seus conhecimentos médicos, acrescentando-lhes os feitiços dos sacerdotes selvagens, universalmente conhecidos como potentes encantadores e que muitas vezes executava curas aparentemente milagrosas, por meio de suas artes mágicas (HAWTHORNE, 1993, p.112)<sup>55</sup>.

Alguns viam no semblante do médico marcas diabólicas, também:

...muitas pessoas, - entre as quais algumas de senso prático, cujas opiniões costumavam ser acatadas noutros domínios, - afirmavam que o

---

54 ‘I need no medicine,’ said he (HAWTHORNE, 1999, p.108).

55 Two or three individuals hinted that the man of skill, during his Indian captivity, had enlarged his medical attainments by joining in the incantations of the savage priests, who were universally acknowledged to be powerful enchanters, often performing seemingly miraculous cures by their skill in the black art. (HAWTHORNE, 1999, p.113).

aspecto de Rogério Chillingworth sofrera notável mudança desde que se encontrava instalado na cidade, e principalmente desde que morava com Dimmesdale. A princípio, sua expressão era calma, meditava, como a de um estudioso. “Agora havia em sua face algo de horroroso e demoníaco, que eles não tinham previamente notado, e que mais se tornava notório, quanto mais o observavam” (HAWTHORNE, 1993, p.112)<sup>56</sup>.

Para a comunidade, cujo discernimento é pouco apurado, era como se Chillingworth fosse então, um agente diabólico, permitido por Deus para tramar contra a alma do jovem pastor, como se o quisesse testar.

O que se via ou ouvia, aos olhos da sociedade, era uma grande batalha do “Bem” contra o “Mal” travada entre o médico Chillingworth e o reverendo Dimmesdale. A dificuldade estava no fato de que, o sofrimento revelado nos olhos do ministro não dava certeza, necessariamente, de que o Bem, esperado pelo povo, venceria. A doença dele o faz cada vez mais alimentar o desejo de levar o seu segredo à sepultura.

Para nós, entretanto, resta-nos perceber que Dimmesdale se destrói a cada página do enredo do romance, uma vez que ele alimenta sua própria culpa. Mais importante do que o seu erro naquela comunidade puritana altamente moralista é a falsidade que ele desenvolve para com ele mesmo e para com

---

56 A large number—and many of these were persons of such sober sense and practical observation that their opinions would have been valuable in other matters—affirmed that Roger Chillingworth’s aspect had undergone a remarkable change while he had dwelt in town, and especially since his abode with Mr. Dimmesdale. At first, his expression had been calm, meditative, scholar-like. Now there was something ugly and evil in his face, which they had not previously noticed, and which grew still the more obvious to sight the oftener they looked upon him. (HAWTHORNE, 1999, p.112).

seus concidadãos. Ele nega a sua ligação fundamental, natural e humana com Ester e sua filha, por exemplo. Quanto mais a sua fama e veneração pública crescem, mais ele percebe que suas ações violam os princípios básicos, não somente de humanidade, mas também de sua vocação: ele era um sacerdote puritano.

De fato, a sua maior punição é saber que havia se transformado em um egoísta para quem toda a realidade em sua volta era altamente ilusória e mentirosa. A sua última afirmação pública diante de todos vai lhe revelar apenas desonra e humilhação. Isso não quer dizer que alguém não considere que não houve também, de alguma maneira, uma vitória moral ao final do romance. O narrador de Hawthorne deixou registrado em suas anotações que:

...uma luz pura brilha no centro da escura caverna do coração, e *A Letra Escarlate* se concentra na terrível escuridão que circunda toda essa luz. A mais importante região de luta do ser humano era, na concepção de Hawthorne, o coração (HAWTHORNE, 1960, p.13).

Importa-nos, enquanto leitores, reconhecer as forças que impelem o pastor a agir em direção à solução do problema que o absorve por inteiro. A tentativa final de Dimmesdale em consertar o seu erro trará consequências trágicas irreparáveis, definitivamente fatais, para sua própria vida – o que demonstra o poder dinâmico e efetivo do amor – *Eros* – na construção e desconstrução de mundos.

### 2.1.3. *ROGÉRIO CHILLINGWORTH*

Rogério Chillingworth representava uma aquisição ímpar. Cedo, manifestou ele sua familiaridade com a poderosa e imponente maquinaria da antiga medicina, na qual cada remédio continha uma legião de ingredientes muito rebuscados e heterogêneos, de cujas escrupulosas combinações parece dever resultar o elixir da vida (HAWTHORNE, 1993, p.106) <sup>57</sup>.

65 Aceito na comunidade como médico e conhecedor dos segredos alquímicos – conhecimentos médicos que lhe tinham sido comunicados em seu tempo de estudos na Europa –, Chillingworth se tornara a principal referência da medicina naquela comunidade de Salem.

A sua primeira aparição no romance acontece durante toda aquela exposição<sup>58</sup>, toda aquela repressão a que foram endereçadas, tanto Ester quanto a criança que ela carregava no colo. As duas sofrem consequências físicas oriundas daquele momento desumano a ponto de ser-lhes necessária uma presença médica. Tanto Ester, quanto Pérola, voltam para a prisão, debilitadas.

Após ter regressado à prisão, Ester Prynne encontrava-se num estado de excitação nervosa tal,

---

57 Roger Chillingworth was a brilliant acquisition. He soon manifested his familiarity with the ponderous and imposing machinery of antique physic; in which every remedy contained a multitude of far-fetched and heterogeneous ingredients, as elaborately compounded as if the proposed result had been the Elixir of Life. (HAWTHORNE, 1999, p.106).

58 Chillingworth aparece no momento em que Ester está sendo apresentada para o público, no patíbulo da praça. Ela aparece com sua filha no colo. Chillingworth surge em trajes indígenas. Ver HAWTHORNE, 1993, p.61.

que se tornou necessário vigia-la constantemente com receio de que perpetrasse alguma violência sobre si ou sobre a criança. [...] Não tanto Ester precisava de assistência profissional, quanto e completamente a filhinha, a qual, tirando seu sustento do seio materno, parecia ter bebido juntamente com o leite toda a perturbação, angústia e desespero de que o organismo da mãe se sentia possuído (HAWTHORNE, 1993, p. 69)<sup>59</sup>.

Na construção do texto, o narrador de Nathaniel Hawthorne colocará, pela primeira vez, Ester e o seu ex-marido, Senhor Prynne<sup>60</sup>, frente a frente. Ele será o médico que as atenderá no retorno à prisão. Durante a sua vinda à Nova Inglaterra o doutor Prynne fora detido pelos índios e entre eles permaneceu por algum tempo, tornando-se também um vasto conhecedor dos segredos da natureza.

Meus antigos estudos de alquimia, - observou, - e minha estadia, durante mais de um ano, entre gentes entendidas nas propriedades salutíferas das plantas, fizeram de mim um médico mais competente do que muitos que cursaram

---

59 After her return to the prison, Hester Prynne was found to be in a state of nervous excitement, that demanded constant watchfulness, lest she should perpetrate violence on herself, or do some half-frenzied mischief to the poor babe (...) there was much need of professional assistance, not merely for Hester herself, but still more urgently for the child—who, drawing its sustenance from the maternal bosom, seemed to have drank in with it all the turmoil, the anguish and despair, which pervaded the mother's system. It (HAWTHORNE, 1999, p.62).

60 Depois que chegou à Nova Inglaterra o senhor Prynne adotou o nome de Rogério Chillingworth.

as bancadas das universidades (HAWTHORNE, 1993, p. 70)<sup>61</sup>.

Tendo ouvido tudo sobre a trajetória de Ester e enfrentando o escândalo de vê-la ser sujeito de iniquidade e de falha, o senhor Prynne tem sua alma atingida em cheio. Doía-lhe, ainda mais, saber que sua mulher carregava uma criança que não era sua.

Na medida em que os dois conversam, Ester tem a confirmação de que aquele que se diz médico é o seu ex-marido que estava desaparecido – Senhor Prynne –, com quem ela havia casado há alguns anos atrás. Ele se apresenta com outro nome, Rogério Chillingworth, e continua sua consulta, observando também que a criança precisava de sua ajuda.

O caráter duro de Ester não custou a acreditar que aquele homem certamente poderia se vingar. Aquela criança que chorava não era sua quando deveria ter sido e ela temia que ele a fizesse algum mal. Mas, Ester acabara consentindo o tratamento à sua filha. Ela decide não rejeitar a ajuda de Chillingworth, uma vez que a criança necessitava de cuidados e ele era o único médico da região.

Ao curar também Ester, Chillingworth lamenta ter se iludido e casado com uma mulher tão bela e jovem na fantasia de se considerar sábio suficiente para tanto. “Se os sábios fossem sempre sábios em seu proveito, eu deveria ter previsto tudo que aconteceu” (HAWTHORNE, 1993, p. 72)<sup>62</sup>. Ao término da conversa com Ester, o médico pede que ela não revele a sua verdadeira identidade. “Uma coisa há, porque foste minha mulher, que eu queria orde-

61 ‘My old studies in alchemy,’ observed he, ‘and my sojourn, for above a year past, among a people well versed in the kindly properties of simples, have made a better physician of me than many that claim the medical degree’ (HAWTHORNE, 1999, p.63).

62 If sages were ever wise in their own behoof, I might have foreseen all this (HAWTHORNE, 1999, p. 65).

nar-te, – continuou o homem da ciência. – Guardaste o segredo do nome do teu amante. Guarda também o meu! Ninguém nesta terra deve saber quem eu sou” (HAWTHORNE, 1993, p. 73)<sup>63</sup>.

O consentimento de Ester em admitir o pedido de Chillingworth para não revelar-lhe sua verdadeira identidade não nos oferece uma justificativa muito razoável. Talvez ela tenha pensado que se o denunciasse ela seria penalizada com a morte e sua filha lhe seria tomada. Uma mulher de brio forte não poderia ter permitido isso acontecer, entretanto. Pode haver quem considere que, fazendo assim, ela estaria se alinhando com a vingança que Chillingworth, em sua mente, já havia engendrado. Isso poderia até mesmo configurar-se como uma falha no caráter de Ester.

Para Chillingworth, entretanto, havia sido uma surpresa grande demais, após ser libertado do cativo indígena, ele encontrar sua esposa como uma adúltera e com uma criança. A sua decepção e tristeza, bem como o corte que fora proferido contra a sua alma, atingindo a sua moral de sábio, o conduzirão até a sua vingança, levando-o a uma busca incessante pelo nome do pai da criança que sua mulher carrega, uma vez que ela não o quis revelar.

Não queres revelar-me o seu nome? Nem por isso ele será menos meu, - resumiu, com olhar de confiança, como se o destino estivesse colaborando com ele. - Esse homem não traz nenhuma letra inflamante sobre o traje, como tu; mas eu

---

63      One thing, thou that wast my wife, I would enjoin upon thee,' continued the scholar. 'Thou hast kept the secret of thy paramour. Keep, likewise, mine! There are none in this land that know me (HAWTHORNE, 1999, p.67).

hei de lê-la em seu coração (HAWTHORNE, 1993, p. 73)<sup>64</sup>.

No enredo da história, Chillingworth se revela como principal opositor de Ester e, conseqüentemente, do reverendo Artur Dimmesdale. A decisão de se vingar assumida por Chilingworth não deixa de ser tão inválida do ponto de vista dele mesmo: ele tentara amar Ester com toda a sua força, contudo era um tanto mais velho do que ela e muito dado aos livros, enquanto ela contava com as primeiras primaveras de sua juventude. A fúria de Chillingworth é aumentada ainda mais ao vê-la com uma criança que ele mesmo não pode lhe dar.

A ênfase no caráter diabólico de Chillingworth sugerida pelo narrador nos faz esquecer as razões naturais para suas atitudes. Chillingworth tem o caráter abalado e transformar-se-á, obcecadamente por sua busca de vingança, no principal antagonista da história.

‘Eu, - um intelectual – um rato de grandes bibliotecas – um homem já a caminho da decadência, que aplicara o melhor dos meus anos a alimentar o sonho faminto pelo conhecimento que poderia esperar de uma juventude e beleza como a tua? Fisicamente disforme desde o nascimento, como poderia iludir-me com a ideia de que os dotes intelectuais seriam bastante para velar a deformidade física na fantasia de uma jovem? Dizem que sou sábio. Se os sábios fossem sempre sábios em seu proveito, eu deveria ter previsto tudo

64 ‘Thou wilt not reveal his name? Not the less he is mine,’ resumed he, with a look of confidence, as if destiny were at one with him. ‘He bears no letter of infamy wrought into his garment, as thou dost, but I shall read it on his heart. (HAWTHORNE, 1999, p.67).

quanto aconteceu. Poderia ter sabido que, ao abandonar a vasta e sombria floresta e penetrar nesta povoação de cristãos, o primeiro objeto dos meus olhos serias tu mesma, Ester Prynne, de pé, como estátua de ignomínia, diante do povo. Sim! Desde o momento em que descemos, juntos, os degraus do velho templo, unidos pelos laços do matrimônio, eu podia ter avistado a fogueira desta letra escarlate ardendo na outra extremidade de nosso caminho' (HAWTHORNE, 1993, p. 71)<sup>65</sup>.

Para Chillingworth, entretanto, sua satisfação já era parcial. Ester já estava pagando pela sua falta. Faltava-lhe o outro traidor. Chillingworth estava decidido a cumprir o desejo do seu coração: ele empenharia todos os seus esforços para descobrir quem era o parceiro de Ester naquela traição.

A sua aparência de vingança cresce a cada momento no enredo da história. Na medida em que o tempo passa, sua outrora aparência de homem intelectual, calmo e estudioso se esvai, dando lugar para outra cada vez mais agressiva e feroz, tomada pelo desejo de vingança. Uma personalidade diabólica passa a se destacar em Chillingworth, portanto. Desse modo, por ter sido preterido na relação com sua esposa, não é difícil perceber que qualquer

---

65 'I – a man of thought – the book-worm of great libraries—a man already in decay, having given my best years to feed the hungry dream of knowledge – what had I to do with youth and beauty like thine own? Misshapen from my birth-hour, how could I delude myself with the idea that intellectual gifts might veil physical deformity in a young girl's fantasy? Men call me wise. If sages were ever wise in their own behoof, I might have foreseen all this. I might have known that, as I came out of the vast and dismal forest, and entered this settlement of Christian men, the very first object to meet my eyes would be thyself, Hester Prynne, standing up, a statue of ignominy, before the people. Nay, from the moment when we came down the old church-steps together, a married pair, I might have beheld the bale-fire of that scarlet letter blazing at the end of our path!' (HAWTHORNE, 1999, p.65)].

coisa que passa a ser dita pelo “estrangeiro” Chillingworth aparece maculada como que por um sentimento infernal – como na passagem que destacamos abaixo –, para ele, por exemplo, o amante de Ester – o reverendo Dimmesdale – tem que ser descoberto, ainda que não seja para fins morais:

Sábria sentença! – obtemperou o estrangeiro, Rogério Chillingworth, abanando a cabeça. – Desse modo, ela será uma prédica viva contra o pecado, até que a letra ignominiosa seja inscrita sobre a pedra de seu túmulo. Aborrece-me, no entanto, que o parceiro de sua ingenuidade não esteja ao menos, ao lado dela sobre o patíbulo. Mas saber-se-á quem foi! Mas saber-se-á quem foi! Mas saber-se-á quem foi! Mas saber-se-á quem foi! (HAWTHORNE, 1993, p.62)<sup>66</sup>.

A proposição de repetição na sentença final prova o quanto ele está decidido a encontrar o outro transgressor. Rogério Chillingworth buscará dia e noite o causador de tamanha traição.

Esse é o traço claro e presente que perseguirá Chillingworth. A sua força passa a afetar a relação entre os principais personagens da história. O seu papel no romance ganha ênfase e se justifica. Alimentado pela traição que sofrera por parte de sua mulher, Chillingworth já está decidido a se vingar, custe o que custar, como por uma questão de honra.

Por ironia do destino, minuciosamente tecido pelo narrador de Hawthorne, encontraremos o doutor Chillingworth ao

---

66 'A wise sentence,' remarked the stranger, gravely, bowing his head. 'Thus she will be a living sermon against sin, until the ignominious letter be engraved upon her tombstone. It irks me, nevertheless, that the partner of her iniquity should not at least, stand on the scaffold by her side. But he will be known—he will be known!—he will be known!'" (HAWTHORNE, 1999, p.56).

lado do reverendo Dimmesdale durante grande parte da história. Chillingworth o havia escolhido como conselheiro espiritual. Tal apego ao pastor também lhe conferirá uma religiosidade destacável entre os moradores de Salem. Chillingworth e Dimmesdale se tornarão, então, grandes amigos e isso será, num primeiro momento, positivo aos olhos de todos os cidadãos de Salem.

Como podemos ver, diferentemente de Dimmesdale, Chillingworth voluntariamente se isola da comunidade desde o começo da história ao renunciar a sua identidade para evitar a vergonha de ter sido passado para trás e para, ao mesmo tempo, buscar sua vingança. Ele desiste de toda e qualquer ética médica ou humana como possível tentativa de solucionar o problema. Os seus anseios agora são outros. Ele buscará uma revanche perfeita assumindo o papel de pior inimigo travestido com a pele de um solícito e bondoso amigo. A sua única maneira de expurgar a sua derrota será encontrando e destruindo aquele que, nele, a imputou: o reverendo Dimmesdale. Essa é a sua razão de existir.

Ao escrever o seu romance Hawthorne estava consciente do paradoxo que habitava naquela comunidade: a moralidade social é requerida pelos membros da comunidade religiosa enquanto que a própria religião assume, como dogma, a natureza pecaminosa do homem. No pecado de Adão todos pecaram<sup>67</sup>.

Nathaniel Hawthorne revela que as pretensões de racionalidade e de sabedoria estão submetidas a conceitos cristalizados pelos cristãos puritanos e que vão, pouco a pouco, se transformando em “preconceitos”. Ao lermos o romance, vemos que a busca de integridade humana está longe e será sempre frustrada. A fragilidade e a tristeza entre os puritanos se evidenciarão pelo fato de

---

67 Essa passagem encontra-se no primeiro livro da Bíblia – gênesis – capítulo 3. A Bíblia é o livro de fé e prática das religiões cristãs, como é sabido por todos nós.

que, na Salem observada por Nathaniel Hawthorne, o que existe de humano, caminha para a deterioração.

#### 2.1.4. PÉROLA

Ao lermos *A Letra Escarlata*, vemos que o narrador não deixa de demonstrar em Pérola o modo como os inocentes pagam pelas tristezas e decepções de adultos. A situação enfrentada por ela no enredo da história e as transformações que ela sofre, denunciam o modo desumano pelo qual aquela comunidade puritana tem gerado e criado seus filhos.

Por um momento, Pérola esteve presa às amarras da sociedade, juntamente com sua mãe. Mas, na medida em que ela cresce, ela vai ganhando a sua liberdade, relacionando-se cada vez mais com o mundo e percebendo, portanto, os limites que lhes foram impostos. Por ser fruto do adultério entre Ester e o reverendo Dimmesdale, Pérola encontrará dificuldades em sua convivência em Salem. Isolada pela maléfica sociedade em que vive, sua mãe, a um custo muito alto, desenvolverá um caráter independente durante o transcorrer da história. Pérola acompanha tudo bem de perto.

A leitura do enredo nos leva a pensar que ela parece ser mais filha de Ester do que de Dimmesdale uma vez que Pérola não convive com o pai: “todo aquele rancor e paixão, Pérola os herdara, por direito inalienável, do coração de sua mãe, Ester. Mãe e filha encontravam-se associadas dentro do mesmo círculo de afastamento da sociedade humana” (HAWTHORNE, 1993, p.87)<sup>68</sup>.

68 All this enmity and passion had Pearl inherited, by inalienable right, out of Hester's heart. Mother and daughter stood together in the same circle of seclusion from human society; (HAWTHORNE, 1999, p.84)].

É bem verdade que Ester chega, por vezes, a duvidar da identidade da filha devido à tamanha vivacidade e capacidade imaginativa da criança. “Pai celestial - se ainda és meu pai - que ser é esse que joguei no mundo?” (HAWTHORNE, 1993, p.88)<sup>69</sup>. Mas, se fizermos uma análise psicológica da obra poderemos até dizer que é Pérola quem salva Ester das consequências danosas que sofrera no seio daquela cidade repleta de dogmas e regras. Pérola representa Ester, como se através de uma espécie de espelho da época em que um dia ela – Ester – fora feliz, antes de cometer o “erro”. Um dia Ester fora feliz e alegre como Pérola, quando criança.

O narrador de Hawthorne não perdeu a oportunidade para apresentar Pérola como uma personagem que durante todo o tempo reage hostilmente ante ao procedimento castrador e repressor dos moradores de Salem. Como criança, ela não tem a ideia do código de leis que existe naquela cidade e suas reações vão de encontro, na maioria das vezes, ao que pregam os seus juízes. Seus impulsos, de vida e de morte, alegria e tristeza, estão evidentes e impregnados, naturalmente, na sua natureza humana.

Pérola é vigiada todos os dias por Ester, sua mãe super protetora, ainda que lhe permita, muitas vezes, agir em favor de seus próprios impulsos infantis em vez de fazer uso de uma austera disciplina. Muitas vezes, Pérola se revela como alguém que aceita a sua solidão – as outras crianças não brincam com ela. Considerada como um pequeno espírito e, até mesmo demônio<sup>70</sup> ou espécie de amuleto usado por um mestre do mal, entre outras

---

69 ‘O Father in Heaven— if Thou art still my Father—what is this being which I have brought into the world?’ (HAWTHORNE, 1999, p.85).

70 HAWTHORNE, 1993, p.90.

referências, Pérola, costumeiramente, espanta<sup>71</sup> as criancinhas com seus gritos e age friamente diante dos magistrados<sup>72</sup>, que querem lhe tirar de sua mãe.

Um contraste entre Ester e Pérola também é notório: uma criança não pode ser sujeita às regras como sua mãe o é. Mas, para os líderes puritanos Pérola cresce como enxerto do mal<sup>73</sup>, fruto do pecado e emblema e produto do erro, não sendo bem vista e não tendo o mesmo direito que as demais crianças. O caráter irreverente – de criança – põe em jogo toda a muralha dogmática do puritanismo. Os magistrados querem conferir-lhe a alcunha de ter sido criada à imagem e à semelhança do diabo, entretanto.

O contexto no qual Ester está inserida e diante das circunstâncias em que ela se encontra, levam-na a fazer mil questionamentos e buscar sinais que a ajudem a melhorar sua compreensão a respeito de Pérola. A disposição de Pérola, revelada por sua mente fantasiosa e por sua privação da companhia de outras crianças, fazia com que ela desenvolvesse ainda mais a sua imaginação. Não por acaso, Pérola presta muita atenção à letra escarlate cravada no peito de sua mãe, enquanto ouve esta lhe dizer que foi Deus quem a enviou. Pérola também percebe o modo reservado com que o ministro Dimmesdale se comporta ao mesmo tempo em que ela desconfia do modo carinhoso de como sua mãe se refere ao ministro Dimmesdale, quando conversam na floresta.

---

71 “Mas, Pérola, criança destemida [...] deitou a correr em direção ao grupo de seus inimigos e pô-los em debandada.” (HAWTHORNE, 1993, p.92). [But Pearl, who was a dauntless child [...] made a hush at the knot of their enemies, and put them all to flight (HAWTHORNE, 1993, p.90).

72 “O venerado ministro sentou-se numa poltrona, e fez esforço para colocar Pérola entre os seus joelhos. [...] mas a criança abalou pela sacada fora” (HAWTHORNE, 1993, p.99) [The old minister seated himself in an armchair, and made an effort to draw Pearl betwixt his knees. [...] But the child escaped through the open window] (HAWTHORNE, 1993, p.99).

73 HAWTHORNE, 1993, p.86.

O crescimento de Pérola traz consigo questionamentos a respeito do seu futuro. A história nos mostra que ela está sendo criada por uma mulher pecadora e, portanto, – segundo traduz o narrador do texto a respeito dos pareceres dos magistrados de Salem –, incapaz de oferecer-lhe uma educação sob os princípios religiosos da comunidade.

Na suposição de que Pérola, como já insinuamos, fosse de ascendência demoníaca aquela boa gente argumentava, não sem motivo, que o zelo cristão, que sentiam pela alma da mãe, exigia deles que se afastasse do caminho da infeliz mulher aquele tropeço. Se, por outro lado, a criança fosse realmente capaz de se deixar educar moral e religiosamente e de vir finalmente a poder salvar-se, então, sem dúvida, para a melhor desfrutar de todas essas vantagens, só lucraria em ser transferida a uma guarda mais sabia e virtuosa do que a de Ester Prynne. (HAWTHORNE, 1993, p.91)<sup>74</sup>.

O risco que essa possibilidade trazia para Ester fez com que ela, na ocasião em que fora ao palácio do governador da colônia para fazer a entrega de umas luvas que a haviam encomendado, buscasse falar com alguma autoridade a respeito do caso. Consciente do seu direito de mãe ela conseguira uma audiência com o governador e, ante a tamanha ostentação da residência

---

74 On the supposition that Pearl, as already hinted, was of demon origin, these good people not unreasonably argued that a Christian interest in the mother's soul required them to remove such a stumbling block from her path. If the child, on the other hand, were really capable of moral and religious growth, and possessed the elements of ultimate salvation, then, surely, it would enjoy all the fairer prospect of these advantages by being transferred to wiser and better guardianship than Hester Prynne's. (HAWTHORNE, 1999, p.89).

daquele, ela tem o seu sentimento de culpa e de derrota abalados. O jogo de espelhos, os reflexos que elas veem nas armaduras e enfeites do salão do governador se encarregam de reforçar isso.

Ester olhou com condescendência para com a filha e notou que devido ao particular efeito desse espelho convexo, a letra escarlate aparecia em proporções exageradas e gigantescas, dando a impressão de ser o traço mais proeminente de sua figura. [...] Pérola apontou igualmente para cima, para um quadro idêntico no capacete e sorriu para a mãe com aquela inteligente expressão de travessura que lhe era peculiar. Também, este olhar de maliciosa satisfação se refletiu no espelho, com tal intensidade de efeito, que Ester julgou não ser a imagem da filha, mas sim, de algum diabrete que se tivesse introduzido na roupa de Pérola (HAWTHORNE, 1993, p.95)<sup>75</sup>.

Ester é tomada de uma insegurança cerceada por sua pobre influência moral que chega a temer a guarda da criança. Apesar de ser a imagem do seu pecado de adultério, a menina é a única coisa boa que aparentemente ela traz consigo após o fastidioso dia de sua punição. A grande opulência encontrada na casa do governador reforça ainda mais o caráter de uma falsa e visível moral existente na Nova Inglaterra.

---

75 Hester looked by way of humouring the child; and she saw that, owing to the peculiar effect of this convex mirror, the scarlet letter was represented in exaggerated and gigantic proportions, so as to be greatly the most prominent feature of her appearance. [...] Pearl pointed upwards also, at a similar picture in the head-piece; smiling at her mother, with the elfish intelligence that was so familiar an expression on her small physiognomy. That look of naughty merriment was likewise reflected in the mirror, with so much breadth and intensity of effect, that it made Hester Prynne feel as if it could not be the image of her own child, but of an imp who was seeking to mould itself into Pearl's shape. (HAWTHORNE, 1999, p.94-95).

O velho clérigo, criado no rico seio da igreja inglesa, tinha desde há muito um gosto apurado de todas as coisas boas e confortáveis. [...] Contudo é erro supor que nossos severos avoengos - embora habituados a falar e pensar da existência humana como de um estado de pura provação e luta, e embora sinceramente dispostos a sacrificar bens e vida pelo dever - sentiam escrúpulos de rejeitar tais meios de conforto, ou mesmo de luxo, quando os tinham ao seu alcance” (HAWTHORNE, 1993, p.97)<sup>76</sup>.

Em meio a essa atmosfera de ostentação, as preocupações a respeito do futuro da jovem criança fazem com que os magistrados iniciem uma arguição a Ester a respeito da educação de Pérola. É o efeito dramático como é relatada a conversa entre o governador, os magistrados e Ester que deixa clara a habilidade do narrador em estar sob controle de toda a cena. O leitor acompanha tudo, consciente da presença de todos os personagens durante o momento de interrogatório. O governador Bellingham, o reverendo Wilson<sup>77</sup>, o pastor Dimmesdale e Chillingworth representam as classes mais altas de Salem: a política, a igreja e a ciência. Eles discutem o que há de melhor para o bem estar social de Pérola. O governador entende que Ester não é digna de continuar com a filha uma vez que é uma mulher que não defende boa reputação em Salem.

76 The old clergyman, nurtured at the rich bosom of the English Church, had a long established and legitimate taste for all good and comfortable things (...) But it is an error to suppose that our great forefathers — though accustomed to speak and think of human existence as a state merely of trial and warfare, and though unfeignedly prepared to sacrifice goods and life at the behest of duty — made it a matter of conscience to reject such means of comfort, or even luxury, as lay fairly within their grasp (HAWTHORNE, 1999, p.96).

77 Principais líderes em Salem.

Ester Prynne, - disse, cravando seu olhar naturalmente severo na portadora da letra escarlate, - muito se tem discutido nesses últimos tempos a teu respeito, a saber, se nós, pessoas de autoridade e influência, procederemos bem, descarregando nossas consciências em uma alma imortal, como a de tua filha, a alguém que praticou um desatino e se deixou captar nas armadilhas deste mundo (HAWTHORNE, 1993, p.99)<sup>78</sup>.

Encontrando resistência nos argumentos de Ester quanto ao direito natural de criar sua filha e ante a tamanha disposição que ela tinha em não ceder, o governador pediu ajuda da igreja. Convidou o reverendo Wilson para assumir aquele momento de persuasão. “Bom mestre Wilson, rogo-lhe que examine essa Pérola - já que este é seu nome - e verifique se conhece a doutrina crista, como convém a uma criança de sua idade” (HAWTHORNE, 1993, p.99)<sup>79</sup>. O reverendo Wilson, não encontrando favor diante dos olhos de Pérola que ironicamente não quis dirigir-lhe a voz, entendeu que aquela postura de Pérola era suficiente para confirmar que a menina precisaria de outros cuidados a fim de crescer na fé que eles pregavam. “Pobre mulher! - exclamou, em tom de brandura, o velho ministro – a criança será bem tratada! – muito

---

78 ‘Hester Prynne,’ said he, fixing his naturally stern regard on the wearer of the scarlet letter, ‘there hath been much question concerning thee of late. The point hath been weightily discussed, whether we, that are of authority and influence, do well discharge our consciences by trusting an immortal soul, such as there is in yonder child, to the guidance of one who hath stumbled and fallen amid the pitfalls of this world’ (HAWTHORNE, 1999, p.98)].

79 Good Master Wilson, I pray you, examine this Pearl — since that is her name—and see whether she hath had such Christian nurture as befits a child of her age’ (HAWTHORNE, 1999, p.98).

melhor do que tu podes fazer!” (HAWTHORNE, 1993, 100)<sup>80</sup>. Mas Ester, não aguentando a pressão, foi tomada subitamente por impulso a pedir ao jovem Dimmesdale que a defendesse, uma vez que ele era o seu pastor.

Ester, em tom mais profundo do que os demais podem entender, denuncia em alto e bom som que Dimmesdale conhece o que se passa em seu coração mais do que qualquer outra pessoa. Ele é o parceiro dela neste erro. Ele será forçado a deixar sua normal postura silenciosa e falar. Ele tem que a defender. “Fale por mim! – gritou. É meu pastor, tem minha alma a seu cargo, conhece-me melhor que estes homens” (HAWTHORNE, 1993, p.101)<sup>81</sup>. A esse momento os demais se encontravam em silêncio absoluto a não ser Rogério que sussurrava em silêncio algumas palavras no ouvido dos magistrados.

80

A postura enfraquecida e pálida de Dimmesdale com a sua mão no coração denunciava-lhe a hipocrisia em que vivia – ele era o próprio pai da criança. Aquele que pregava contra o adultério e toda a forma de pecado se esqueceu de assumir o próprio erro. Apenas ele e Ester sabiam da verdade. Caso os magistrados soubessem do que se passava no interior de Dimmesdale, empregar-lhe-iam a pena capital. Assim, em seu mundo de sofrimento, ele defende a causa daquela pobre mãe e os convence de que aquela filha deveria pertencer à mãe inteiramente. Era uma necessidade da natureza.

---

80 ‘My poor woman,’ said the not unkind old minister, ‘the child shall be well cared for—far better than thou canst do for it.’ (HAWTHORNE, 1999, p.100).

81 ‘Speak thou for me!’ cried she. ‘Thou wast my pastor, and hadst charge of my soul, and knowest me better than these men can’ (HAWTHORNE, 1999, p.100).

“O que Ester diz é verdade, como verdadeiro é o sentimento que a inspira! Deus deu-lhe a criança, e deu-lhe, igualmente, um conhecimento instintivo da natureza e exigências da mesma criança, como nenhum outro mortal pode possuir” (HAWTHORNE, 1993, p. 101)<sup>82</sup>.

A defesa fez com que Rogério Chillingworth ressaltasse, como se soubesse que Dimmesdale era o pai da criança, o modo sério demais com que Dimmesdale protegia Ester. Nas palavras de Rogério o leitor encontra o seu caráter vingativo. Ele era o marido que fora traído por Ester e ninguém mais o sabia. “Mas com que estranha seriedade falas, amigo. Disse o velho Rogério Chilingworth com um sorriso” (HAWTHORNE, 1993, p. 102)<sup>83</sup>.

Mas, a covardia de Dimmesdale acentua-se ao percebermos que ele, mesmo sabendo quem é o pai – ele mesmo – ainda cita a dificuldade na qual deve viver o pai da criança, longe do caminho e do afeto dela. “Neste ponto a mãe pecadora é mais feliz que o pai pecador” (HAWTHORNE, 1993, p.102)<sup>84</sup>.

Ao terminar aquela cena, Pérola dirige-se ao pai como se ela fosse orientada espiritualmente para tal e, com bastante carinho, afaga-lhe a mão, como nunca antes acontecera. O momento foi seguido de um ósculo e de uma alegria tremenda por parte de Pérola. O reverendo Wilson achou por bem fazer com que todos devessem demonstrar ternura fraternal para com a criança

---

82 ‘truth in what Hester says, and in the feeling which inspires her! God gave her the child, and gave her, too, an instinctive knowledge of its nature and requirements — both seemingly so peculiar—which no other mortal being can possess. (HAWTHORNE, 1999, p.102).

83 ‘You speak, my friend, with a strange earnestness,’ said old Roger Chillingworth, smiling at him (HAWTHORNE, 1999, p.102).

84 ‘Herein is the sinful mother happier than the sinful father’ (HAWTHORNE, 1999, p.102).

e entregasse a solução daquele questionamento à providência. Respondendo a Chillingworth, ele diz:

Seria pecaminoso numa questão como esta, guiar-se apenas pelo fio condutor da filosofia profana, - obtemperou o reverendo Wilson. - E preferível jejuar e orar com esse fim; preferível, talvez, deixar o mistério tal como o encontramos, até que apraza à Providência desvendá-lo (HAWTHORNE, 1993, p. 103)<sup>85</sup>.

Embora para os puritanos de Salem Pérola tipifique os pecados de adultério e orgulho de Ester, eles esquecem que ela também pode representar a “misericórdia de Deus” naquele contexto – já que são cristãos religiosos. Pérola pode funcionar para Ester como meio da “graça de Deus”, desse modo. É ela quem parece dar sentido à vida de sua mãe e também reflete a luta travada por Ester em seu coração. Na conversa com o governador e os líderes dos puritanos, Artur Dimmesdale adverte para o papel que a filha tem sobre a mãe:

creia que ela reconhece solenemente o milagre que Deus operou, ao dar existência a sua filha. E ela sente também – e julgo que está na Verdade – que esta dádiva divina se destina, acima de tudo o mais, a manter viva a alma da mãe, a

---

85 'it would be sinful, in such a question, to follow the clue of profane philosophy,' said Mr. Wilson. 'Better to fast and pray upon it; and still better, it may be, to leave the mystery as we find it, unless Providence reveal it of its own accord (HAWTHORNE, 1999, p.103).

preservá-la de tombar nos negros abismos do pecado (HAWTHORNE, 1993, p. 102)<sup>86</sup>.

De alguma maneira, Pérola contrasta-se ao pessimismo que domina aquela comunidade. A sua personalidade chega a tocar a triste monotonia da vida em que está inserida na forma de esperança: ela não se deixa levar pelo sentimento de inferioridade e da baixa autoestima que dominam as pessoas daquele lugar. Ela apresenta o lado otimista do mundo e do homem, diante da vida que o oprime. Seria Pérola a representação de uma nova geração de cidadãos daquela sociedade, dessa vez livres dos dogmas e das regras que hipocritamente controlavam aquele povo? O narrador deixa claro que Pérola é preciosa porque foi gerada a um grande preço e, a um alto custo. Isolada pela sociedade em que vive, Pérola consegue demonstrar afeto e carinho para com Dimmesdale e Ester, sua mãe. Ela parece estar pronta para amar e ser amada, diferentemente das demais personagens do romance.

Como podemos dizer, a presença de Pérola também sugere que ela é o resultado da morte da primeira Ester, daquela que fora condenada no patíbulo da praça. Os cuidados de Ester para com Pérola – o modo de vesti-la com roupas e bordados multicores - indicam uma espécie de desejo de viver, além de qualquer circunstância, de modo puro, livre, afetivo e natural. Pérola não somente reflete a transgressão moral de Ester – como querem os moradores de Salem – como também representa toda a força que Ester tem para lutar. Pérola é uma espécie de armadura que Ester usa em seu favor na sociedade. Ladeada pela sua mãe, até que

---

86 'She recognizes, believe me, the solemn miracle which God has wrought, in the existence of that child. And may she feel, too – what, methinks, is the very truth – that this boon was meant, above all things else, to keep the mother's soul alive, and to preserve her from blacker depths of sin into which Satan might else have sought to plunge her!' (HAWTHORNE, 1993, p.102).

se torne adulta, Pérola buscará o seu próprio caminho, desta vez longe dos muros de Salem, ainda que levando consigo todas as mazelas psicológicas que herdara do mundo puritano.

Ao final da leitura do romance percebemos que Hawthorne usa Ester para fazer valer a mesma verdade que ele declarou em *A Casa das Sete Torres* (1848): nenhum erro, em nossa esfera mortal, jamais será consertado (HAWTHORNE, 1960). Falando sobre essa ironia, Lukács escreve, é a “mística negativa das épocas sem Deus” (2000. p.114), o que constitui a atitude verdadeiramente apta a assegurar a objetividade do romance que parece se realizar no irrealizável.

Para concluir esta parte do estudo – a respeito da postura dos personagens que acabamos de analisar em *A Letra Escarlate* de Hawthorne –, e para ilustrar a sua importância, trazemos à nossa lembrança uma importante citação oferecida por Bakhtin (1998, p.425), a respeito do romance:

Um dos principais temas interiores do romance é justamente o tema da inadequação de um personagem ao seu destino e à sua situação. O homem ou é superior ao seu destino ou é inferior à sua humanidade. [...] O homem não se encarna totalmente na substância sócio histórica de seu tempo. Não existem as formas que poderiam encarnar totalmente todas as possibilidades e exigências humanas, onde ele poderia dar tudo de si até a última palavra – como o herói épico. [...] Sempre resta um excedente do homem não realizado. [...] O personagem do romance, como regra, é um ideológico em menor ou maior grau.

Mas, o que não se pode negar é a presença do amor – *Eros* – desde tempos imemoriais nas regiões norte-americanas da Nova Inglaterra. Esse tal “amor” é tão velho quando a existência do primeiro ser humano na superfície da terra. É bom saber que as flechas que atingiram Ester e Artur tem a mesma origem das flechas que hoje atingem as pessoas no mundo moderno também – se é que podemos dizer.

Leiamos, pois, o que temos a dizer a respeito da atuação do *Eros* na vida dos Salemitas e, em especial, na vida de nossos dois principais heróis: Ester e Dimmesdale. Eis a nossa hipótese no capítulo seguinte.





---

## CAPÍTULO 3

---



Assim como a personagem Eva funciona no livro de Gênesis das escrituras sagradas, Ester se aplica no contexto da comunidade puritana da Nova Inglaterra ou no novo Éden, por assim dizer. A primeira imagem importante que aparece em *A Letra Escarlata* é uma rosa vermelha vista na parede escura de uma prisão e no final do romance, a imagem é de uma letra A, de adultério, mas em tom de resistência, em meio a um cenário sombrio (HOLMES, 1937).

### 3.1. NATHANIEL HAWTHORNE E A HIPÓTESE DO ‘EROS’ EM ‘A LETRA ESCARLATE’ (1850)

Acionar a discussão dos efeitos da religião sobre o erotismo, e vice-versa, é pôr o dedo numa das feridas mais dolorosas do coração humano. O caso de Ester e do reverendo Artur Dimmesdale descrito no romance *A Letra Escarlate*, do escritor americano Nathaniel Hawthorne (1804-1864), do qual eles são os personagens principais, ganha evidência neste estudo, a partir do modo como o amor – *Eros*<sup>87</sup> – se revela em meio à sociedade religiosamente puritana de Salem, na Nova Inglaterra do século XVII, local onde se desenvolve o romance.

Como já sabemos, o livro conta a história da relação extra-conjugal entre o reverendo de uma comunidade puritana e uma senhora recém-casada casada com um reconhecido médico de origem europeia. A cena descrita nos primeiros capítulos do romance – a exposição de uma mulher em praça pública por causa de desobediência a uma lei religiosa – revela a trama do enredo que servirá de pano de fundo para toda a leitura do livro.

Na ocasião Ester Prynne, a esposa do Mestre Prynne – médico de boa reputação –, chegara sozinha ao seu novo país e lá se apaixonara pelo reverendo Artur Dimmesdale, principal pastor da comunidade. Dessa relação nascerá uma filha, de nome Pérola. É justamente pelo fato de Ester não revelar quem é o pai da criança para as autoridades da cidade que ela é enquadrada pelo código de conduta puritano dentro do pecado de adultério e é considerada adúltera, portanto.

---

87 Para nós, o conceito utilizado de ‘*Eros*’ neste trabalho é o mesmo compreendido por Walter Schubart (1975). O sentido geral do termo descreve as relações sexuais entre homem e mulher. Segundo esse mesmo autor, essa atração não inclui somente a união corporal. Trata-se de uma pulsão sexual que acontece na origem da atração sexual, levada por um dinamismo espiritual e entendida apenas como um tipo de amor.

Ainda no início do romance, o marido traído – então travestido de indígena – pergunta a um personagem desconhecido, que também acompanha aquela exposição em meio à multidão de outros curiosos, a respeito do que havia acontecido para que aquela mulher fosse exposta tão ignominiosamente em plena praça pública. De resposta, vem a informação que dará origem à trama do romance:

...caro Senhor, aquela mulher estava casada com um certo homem ilustrado, inglês de nascimento, mas que viveu em Amsterdã durante um tempo. Daí, já lá vai alguns bons pares de anos, cuidou de atravessar o Atlântico e de fixar residência entre nós, em Massachusetts. Com esse intuito, mandou à frente a esposa enquanto ele ficou na Europa a fim de regular uns negócios. Durante dois anos, pouco mais ou menos que esta mulher residia aqui, em Boston, não chegaram notícias de Mestre Prynne, que assim se chamava o erudito cavalheiro; e sua esposa, como vê, ficou entregue a seus extravios (HAWTHORNE, 1993, p. 62)<sup>88</sup>.

Tendo desobedecido a lei puritana, ela se submeterá a uma punição na qual é terá que usar uma letra “A”, como consequência de sua falta, intermitentemente, até que outra sentença aconteça,

---

88 ‘Yonder woman, Sir, you must know, was the wife of a certain learned man, English by birth, but who had long ago dwelt in Amsterdam, whence some good time ago he was minded to cross over and cast in his lot with us of the Massachusetts. To this purpose he sent his wife before him, remaining himself to look after some necessary affairs. Marry, good Sir, in some two years, or less, that the woman has been a dweller here in Boston, no tidings have come of this learned gentleman, Master Prynne; and his young wife, look you, being left to her own misguidance’ (HAWTHORNE, 1999, p.55).

quando ela revelar publicamente quem é o pai da criança, se isso vier a acontecer.

Para os puritanos, ainda que o seu marido não tivesse voltado da Europa, ela deveria conservar-se casta. As leis puritanas que organizavam aquele mundo não permitiam que uma mulher casada, voltasse a se casar novamente. Isso somente poderia acontecer caso o marido estivesse realmente morto, e após um período maior de abstinência sexual.

Esse é o grande conflito que traçará o fio do enredo escrito por Hawthorne. Enquanto o pai de Pérola não for descoberto, os magistrados se mobilizarão a fim de levar a cabo o desfecho desse trauma que habita aquela sociedade puritana. Os efeitos desse triângulo amoroso atingirão diretamente toda a sociedade, mas mais precisamente o pastor, a sua amante e o marido que fora traído na relação<sup>89</sup>.

Na medida em que lemos a história é possível observar que os três personagens, envolvidos nesse triângulo amoroso, passam a sofrer duras consequências. A postura de Ester afetará o comportamento de todos na pequena Salem.

Assim, enquanto Ester Prynne traz a culpa exposta em suas vestes e todos a podem ver, o reverendo Artur Dimmesdale a carrega dentro de si, escondida de toda a sociedade, fingindo sempre ser um sacerdote dedicado, até o ponto em que não mais suportar. Hipocritamente, Arthur Dimmesdale conduz os seus passos na comunidade e a cada página mais a culpa o destrói por dentro. Já o marido traído – Mestre Prynne, rebatizado pelo nome de Rogério Chillingworth para esconder sua verdadeira identidade – alimentará em seu interior um desejo quase demoníaco por

---

89 É importante registrar que, para Ester – assim como para toda a comunidade de Salem – o seu esposo era considerado como morto, o que não nos permite afirmar a sua atitude como um ato de traição.

vingança e não descansará até descobrir quem foi aquele que o passou para trás.

### 3.2. A LENDA DE EROS E PSIQUE

A única versão literária do mito de Eros e Psique é do escritor Apuleio e se encontra no livro *Lúcio, Metamorfoses*, ou o *Asno de Ouro*. A tradição nos legou, entretanto, através dos tempos, várias narrativas que conservaram a essência arquetipal do mito, que vão desde Fernando Pessoa até o cordel no nordeste do Brasil<sup>90</sup>.

A lenda de Eros<sup>91</sup> e Psique<sup>92</sup> está no berço da mitologia grega. É uma história de amor que se consolida para a eternidade. Antes de apresenta-la, consideramos importante traçar um pequeno percurso simbólico que nos remete a Hesíodo, sobre o discurso cosmológico de criação do mundo.

Originalmente, Hesíodo reconhece a presença, de quatro entes: Caos, Terra, Tártaro e Eros. Do vazio ao preenchimento, isto é, de Caos a Eros, o autor da *Teogonia* não hesita em responsabilizar Eros pela criação efetiva de todos os outros seres vindos depois dele. Segundo Hesíodo, Caos é o vazio, o espaço ocupado no máximo pelo ar – e que ainda não tem a concepção moderna que significa uma espécie de desordem primitiva na qual todas as coisas estavam juntas.

Caos é o princípio da cisão, portanto. Eros é aquele que gera pela união de dois elementos, em contrapartida. Eros é aquele

90 Ver Eros e Psiquê ou dos caminhos navegáveis de Orlando Luiz Araújo, professor de Grego do departamento de Letras Estrangeiras da UFC.

91 Ou Cupido, era filho da deusa de beleza inigualável de nome Afrodite.

92 Psiquê tinha mais duas irmãs mais velhas, casadas. Psiquê, a mais nova, ainda não havia casado. Talvez uma razão para ela não ter casado era o temor que sua beleza emprestava a todos os que dela se aproximavam.

que participa da energia cósmica responsável pela criação e preservação do mundo. Entretanto, ele é mais conhecido por causa da lenda que narra o modo como ele se apaixonou por uma das três filhas de um rei – *In illo tempore*<sup>93</sup> –, que, logicamente, era uma mortal. Assim é a história:

Conta-se que um rei e uma rainha, ansiosos sobre o destino de sua terceira filha, consultaram o oráculo para saber o que estava preparado para ela. O fato é que, das três filhas princezas que tinham, apenas Psique, a mais jovem, ainda não havia conhecido o amor matrimonial. A razão poderia estar no fato de ela ser detentora de uma beleza tal, que era capaz de despertar a admiração de qualquer ser humano que dela se aproximasse – a lenda conta que muitos vinham de longe para admirá-la – e que, também, por isso, a sua beleza provocava medo em todos os seus pretendentes<sup>94</sup>.

Assim sendo, segundo o oráculo, em resposta ao pedido dos pais, para Psique havia sido preparada uma dura sentença: ela deveria ser vestida com trajes de núpcias e colocada – literalmente abandonada – num alto de uma montanha para ser desposada por um terrível monstro<sup>95</sup>.

Entristecidos, pois, e nada podendo fazer, os seus pais aceitaram a leitura que o oráculo lhes fizera. Em obediência ao destino que lhe fora separado, a jovem foi deixada pelos pais no alto de

---

93        Naquele tempo, em tempo ou época muito remota.

94        Sabendo da beleza extraordinária da moça, os habitantes do reino trataram logo de render-lhe homenagens, cultuando-a como uma nova deusa do amor, esquecendo-se dos templos da legítima deusa do amor, Afrodite. Psiquê, entretanto, não se sentia feliz com os atributos que a população lhe oferecia, continuava lamentando a sua solidão.

95        Na verdade, tudo fazia parte de um plano da vingativa Afrodite, que sofria de inveja da beleza da moça.

um rochedo e daquele ponto fora levada por um vento muito forte – Zéfiro<sup>96</sup>.

Ao chegar ao ponto que lhe fora separado, Psique estava cansada e logo caiu em um sono profundo. A narrativa conta que, ao acordar, ela percebe que havia sido transportada para um mundo de sonhos, para um castelo enorme edificado em mármore e ouro puríssimo. Naquele cenário, vozes a levaram a aposentos especiais, que então passaram a ser sua morada.

No caminho para os seus aposentos, entretanto, Psique percebeu que alguém a acompanhava. Esse alguém era o marido que lhe havia sido predestinado. Segundo conta a lenda – ele que seria um monstro –, ele mostrava-se carinhoso, cuidadoso e educado, fazendo-a se sentir amada. E assim se sucedia todas as noites. Psique estava feliz com o seu casamento. Mas, uma condição havia sido dada para que ela continuasse a viver feliz: ela não poderia ver o rosto de seu amado. Se assim o fizesse, o perderia para sempre. Psique, em um primeiro momento, aceitou tal condição<sup>97</sup>.

Eros era seu marido e ele a fazia feliz. Ele era o melhor dos esposos. Ele a fazia sentir o mais profundo amor, respondendo e realizando todos os seus pedidos. O deus do amor carnal era o “monstro” terrível que Afrodite o enviara para cuidar de Psique.

Com o passar do tempo, Psique resolveu fazer um pedido ao seu amado: com saudades de sua família, ela relatou que queria visitar seus pais – mesmo que aquele pedido fosse contra a vontade

---

96 Na mitologia grega, Zéfiro é o vento do Oeste. É um dos filhos de Aurora e Astreu, sendo seus irmãos Bóreas, Noto e Eurus. Foi casado com Íris e vivia em uma caverna da Trácia. O mito do vento Zéfiro diz que ele fecundava as éguas de certa região da Lusitânia tornando os cavalos dessa zona invulgarmente velozes.

97 O fato era que a Eros, filho de Afrodite, havia sido encarregado o papel de executar a vingança de sua mãe – que estava ferida de ciúmes de Psiquê. Sem querer, entretanto, Eros se apaixonara por Psiquê e prefere se manter escondido e realizar-se como marido, a fim de evitar a fúria de mãe.

do oráculo<sup>98</sup>. Apesar do medo do esposo com relação à possibilidade de algum mal lhe acontecer, a permissão é concedida e ela então parte para a casa de seus pais.

Do mesmo modo como Psique foi transportada até o seu novo lar, ela chega até a casa dos pais. O reencontro gera grande felicidade para os pais. Mas, é a inveja das irmãs que ganha destaque. Elas lhe perguntam sobre o marido, e Psique acaba revelando que nunca vira seu rosto. No meio da conversa, suas irmãs a convencem de que ela precisa ver a face de seu esposo. Nesse momento, Psique se enche de curiosidade.

Chegada a hora de voltar para casa, o coração de Psique está totalmente tomado pela curiosidade de querer ver o rosto de seu adorável marido. A fim de atingir o seu objetivo, durante a noite, ela acende um candeeiro e vai até os aposentos de seu marido. Apesar de sua mente conturbada só imaginar a figura de um monstro – conforme havia previsto o oráculo –, o que lhe aparece, para grande e espantosa surpresa, é a figura serena do mais belo ser adormecido. Tomada por um susto, ao ver tamanha beleza de seu esposo, Psique deixa uma gota do azeite cair sobre o ombro de seu amado e o desperta do sono. Nesse momento, Eros, assustado, ao ver que ela tinha quebrado a promessa, foge, desaparecendo de sua presença – Psique havia quebrado a promessa que fizera.

Desse momento em diante, inicia-se o drama de Psique. Sozinha, ela vai peregrinar pelo mundo, na tentativa de reencontrar aquele que lhe fora retirado por causa de sua curiosidade. Então, ela procura os deuses para pedir ajuda e cai nas mãos de Afrodite. Afrodite, então, impõe a ela tarefas impossíveis de serem executadas para um ser mortal. Psique se entrega submissa para atingir seu destino.

A partir desse momento, sua vida passa a ser de grandes desafios e sofrimentos. Inquieta, Psique terá que cumprir quatro tarefas se quiser ter o marido de volta – quatro tarefas praticamente impossíveis de se concretizar, as quais destacamos a seguir: a primeira era separar sementes de vários grãos, a segunda retirar flocos de lã dos carneiros selvagens, a terceira era subir até o alto de um penhasco para buscar água e a quarta era descer ao mundo dos mortos, ao Hades, para buscar uma poção de formosura que somente a deusa Perséfone<sup>99</sup> possuía. Psique estava decidida a reconquistar o seu amado e ela cumpre as quatro tarefas<sup>100</sup>.

O que podemos perceber através da realização dessas quatro tarefas é que Psique desenvolve capacidades e forças essenciais para sua vida. No processo, Psique adquire discernimento, criatividade, visão sistêmica do que está a sua volta e fidelidade a sua meta – o seu objetivo era reconquistar o seu amor. Apenas na última tarefa, ao abrir o cofre – que não podia – da deusa-rainha

---

99 Ver sobre o assunto, Loreaux (1985) citado na biografia ao final.

100 A primeira das quatro tarefas – o trabalho com os grãos – exige calma, paciência e concentração da parte de Psiquê. É a representação do ser humano que precisa aprender a classificar e a separar os seus sentimentos, diante de incertezas que o cerca. A segunda tarefa – retirar flocos de lã dos carneiros selvagens – parece precisar ser bem pensada. Os carneiros são agressivos e agem por instinto. Na lenda, Psiquê tem que estar em contato com eles sem, contudo, ser atacada por eles. Ao que tudo indica, o temor cuidará de dizer a hora exata de agir e de tirar proveito de sua situação. Sem se desesperar e observando o seu contexto, Psiquê percebe que os carneiros costumam se coçar esfregando-se nos espinheiros. Com o tempo, Psiquê espera que os carneiros se afastem e ela, então, calmamente, colhe os fios dourados que ficam presos aos espinhos. Desse modo, Psiquê aprende a examinar as situações e a perceber oportunidades mesmo em situações adversas. Psiquê percebe que nem sempre a melhor saída é o confronto. Com criatividade, novas alternativas se tornam visíveis. A terceira tarefa que lhe é dada por Afrodite – de subir até o alto de um penhasco para buscar água – parece irrealizável. Entretanto, com a ajuda de uma água – que representa Zeus – que tem uma visão macro e sistêmica de todas as coisas, Psiquê também consegue. A quarta tarefa dada para Psiquê fora a mais difícil: ir ao Hades e buscar a poção da beleza imortal que só Perséfone possuía. Ir ao Hades seria aceitar até mesmo a morte a fim de realizar os desejos de um coração. Mas, na sua ingenuidade, Psiquê decide manter o foco. Era o seu amor que estava em jogo. E sem titubear, sem tirar o olhar de seu objetivo, ela consegue chegar até o fundo do Hades, ao mundo subterrâneo, receber a caixa da deusa Perséfone e cumprir sua última tarefa.

Perséfone no Hades para ver o que havia dentro, ela cai em um sono profundo e, como se estivesse morrido, não mais acorda.

Desse ponto em diante, Eros entra em ação, implorando a Zeus por misericórdia, pois ele a quer de volta, uma vez que ela já o havia dado provas que o amava. Zeus cede ao pedido de Eros e permite que ele a atinja com uma de suas flechas e desperte-a<sup>101</sup>, transformando-a num ser imortal. Psique é levada para o Olimpo e transformada em uma deusa. A partir desse momento, Eros e Psique nunca mais se separam<sup>102</sup>.

Não é difícil perceber que encontro, desencontro e reencontro são os pilares dessa narrativa – como o é em *A letra Escarlata*. A via para Ester e para Dimmesdale é uma via repleta de desafios e sofrimentos, diante das circunstâncias que os cercam. Mas, a certeza de que a estrada existe, funciona como a síntese final dos seus pleitos e será trilhada, ainda que seja quase impossível. As “tarefas” que Ester terá que enfrentar serão hercúleas do ponto de vista existencial e psicológico, mas, mesmo assim, ela o fara. Com a força do amor que sente pela sua vida e por seu amado, ela lutará até o fim para que seu desejo seja concretizado<sup>103</sup>.

Para nós, interessados nesse importante romance para a literatura americana e mundial, dentre tantos possíveis temas a serem abordados a partir de sua leitura, escolhemos investigar o modo como o amor – Eros – se processa no interior de Ester e

101 Lembrando que *Eros* também é *Cupido*.

102 O mito Eros e Psiquê retrata a união do amor e da alma. A lenda é também uma alegoria em relação à imortalidade da alma. As consequências da relação dos dois – antes de Psiquê se tornar imortal – pode simbolizar também a alma humana provada por sofrimentos, assim como a sua aprovação. Psiquê recebe como prêmio um amor que nunca acabará.

103 Eros, então, o grande agente motivador do que acontece entre Dimmesdale e Ester.

Dimmesdale, e quiçá, fora deles. É essa tentativa que buscamos realizar: uma maneira de olhar o Eros a partir do ponto em que ele surge e/ou se revela, trazido na nossa ótica, naquele contexto, por Ester, uma bela mulher no auge de sua idade e, também, a partir de um homem cheio de princípios e valores cristãos internalizados em sua alma, que é o reverendo Artur Dimmesdale.

É importante salientar que, para a comunidade puritana, Ester era especial. Mulheres em comunidades religiosas como a Puritana da Nova Inglaterra tinham que ter costumes brandos e amparados pelos olhos dos anciãos da igreja. Todo cuidado era pouco – eles tinham o exemplo de Eva<sup>104</sup>.

Como diz Duby, em contextos religiosos, “em posição que ocupam, as mulheres são observadas e imitadas. Por elas o pecado corre o risco de propagar-se. Além do mais, as desordens que seus desvios provocam, tem consequências graves” (2001, p.13). Isso se fez realidade na vida de Salem da Nova Inglaterra.

### 3.3. O AMOR ENTRE ESTER E ARTHUR DIMMESDALE

Quando o homem foi tomado por ele [pelo amor sexual] pela primeira vez e dele tomou consciência, sentiu sem dúvida, um terror semelhante àquele que o tabu nele suscitava. Ter-se-á sentido esmagado pelo mesmo sentimento de dominação irresistível de uma força supra pessoal, que vem irromper nele do exterior. Terá sentido pela primeira vez a doce melancolia de que sofrem os jovens quando se tornam homens. Assim, no

---

104 Há ainda outras referências sobre uma figura ainda antecessora a Eva na literatura apócrifa: Lilith, Conta essa tradição que ela teria vivido antes de Eva e sido transformada em um demônio que perturba as mulheres. Para mais detalhes ver SICUTERI (1985) e HURWITZ (2006), citados em nossa biografia no final deste estudo.

alvorecer de sua vida pessoal, todo homem revive o que a humanidade viveu no alvorecer de sua história: *o arrepio sagrado do amor* (SCHUBART, 1975, p.14).

O que é o amor? Essa é uma pergunta que não é tão fácil de responder. Mas, seguindo os passos de alguns que tentaram fazê-lo, podemos encontrar algumas possíveis respostas.

Para o poeta português Camões, o amor é fogo que arde sem se ver, é ferida que dói e não se sente, é um contentamento descontente, é dor que desatina sem doer. Desde sempre, na Grécia antiga, os banquetes regados a vinho eram verdadeiras assembleias onde os discursos tentavam explicar o que era o amor<sup>105</sup>.

Em Platão (1991), que subordinara o Amor/Eros ao Logos/Razão também deixou claro que não há maior bem para quem entra na mocidade do que um bom amante, e para um amante, do que o seu bem amado. Certamente é esse bem entendido como o mais poderoso para aquisição da felicidade entre todos os homens. Mas, em outro trecho, ele afirma que o amor é das virtudes a mais antiga. E Platão compara o amor a duas deusas do Olimpo:

...uma, a mais velha sem dúvida, não tem mãe e é filha de Urano<sup>106</sup>, e a ela que chamamos de Urânia, a Celestial; a mais nova, filha de Zeus e de Dione, chamamo-la de Pandemia, a Popular. [...] o amor de Afrodite Pandemia é realmente popular e faz o que lhe ocorre; é a ele que os homens vulgares amam. [...] Amam mais o

---

105 Santo Agostinha afirma que o amor é bom – se é amor a Deus – ou mal – se é amor humano. Tomás de Aquino nos diz que nenhuma virtude é verdadeira sem o amor.

106 Em uma das lendas gregas Urano foi mutilado por seu filho Zeus, e o esperma do seu membro viril, atirado ao mar, espumou sobre as águas, donde se formou Afrodite.

corpo que a alma. [...] O outro, porém é o de Urânia, [...] e esses estão dispostos a amar para acompanhar toda a vida e viver em comum, e não enganar... (PLATÃO, 1991, p.15)

Poderíamos trazer conceitos e definições sobre o que é e como se revela o amor a partir de vários momentos da história e da literatura mundial. Desde o comportamento de Helena de Paris, em Homero, até a Gretchen de Goethe, passando pelo clássico *Romeu e Julieta* de Shakespeare ou Riobaldo e Diadorim de Guimarães Rosa. Walter Schubart (1975) nos faz lembrar que em *Fedro*, Platão também fala do amor sexual como sendo uma espécie de loucura e que Schiller vê nele, no amor sexual, uma loucura insinuante.

98

Mas é, pois, simplesmente a partir do relacionamento entre os principais personagens de *A Letra Escarlate (1850)* – Ester e o reverendo Artur Dimmesdale –, que buscaremos entender como se revelou o amor, que aqui o reconhecemos com uma substância volátil que os assume por um momento, que tende a controlar o sentimento das pessoas e que provoca tamanha (des)ordem, a ponto de ganhar grande repercussão, entre os por ele contagiados, chegando aos ouvidos de toda uma sociedade.

É exatamente antes e durante a falta que eles cometeram – Ester e Dimmesdale –, segundo as normas de convivência puritana, que analisaremos o amor cuja fonte é o Eros. Nesse momento, o que buscamos é revelar o trajeto feito por esse sentimento até chegar ao coração dos dois, mesmo dentro de uma comunidade cheia de dogmas e de duras leis religiosas. Ora,

Eva é uma ameaça e uma tentação permanentes para o homem. Seu olhar escruta mais

profundamente os segredos da vida. Ela se revela muito mais superior ao homem nas coisas do amor. Ela é o ser erótico por excelência. O homem não se define unicamente nem essencialmente pelo amor sexual (Schubart, 1975, p.16).

O livro de Gênesis<sup>107</sup>, presente na tradição cristã, conta a história de Eva, esposa de Adão, e o modo como ela desobedeceu as ordens e orientações de Deus após a sua criação. Criada a partir da costela de Adão, ela teria sido posta para ser sua idônea ajudadora e companheira. Entretanto, por desobedecer às ordens e ter, de acordo com a narração bíblica, comido do fruto da árvore do conhecimento bem e do mal, ela promoveu tamanha desordem em um mundo que era, sobrenaturalmente, equilibrado e autossustentável.

A presença de Ester Prynne, chegando naquela nova terra na América, acende o imaginário dos moradores da região, todos alicerçados sob os ensinamentos e valores bíblicos e cristãos contra o *Eros* que alcançara e desvirtuara o comportamento da primeira mulher criada por Deus, desde surgimento do mundo.

Antes de sua chegada a cidade, parece haver uma paz inabalável entre os moradores daquela comunidade. Todos os contratos sociais estão sendo mantidos, ainda que aparentemente. Tudo o que acontece em Salem é absolutamente previsível, reconhecível, e não há prova de qualquer tipo de ameaça ao bem-estar das pessoas que ali moram. Salem era perfeitamente controlada e dominada por homens que se consideravam, e eram considerados, detentores da verdade: eram os reverendos e os pastores de Salem. A obediência a eles era o modo de equilíbrio encontrado

para uma convivência aparentemente positiva, reguladora do que eles reconhecem e entendem como bons costumes.

Ora, “a sociedade puritana é uma teocracia: as leis da sociedade e as leis da religião eram as mesmas” (HIGH, 1986. p.8). Tudo acontecia sob ordenanças que brotavam do evidente puritanismo preponderante na região. Mas, a um olhar mais de perto daquela cena, em que Ester se apresentava ignominiosamente para o público, faz o narrador lançar um olhar ainda mais intrigante sobre o que se passava, ele registrou que:

...se no meio da multidão de Puritanos houvesse um Papista, ele teria visto naquela formosa mulher, tão encantadora em seu traje e semblante, tendo ao colo a criança, uma reprodução viva do quadro da Mãe de Deus, que tantos pintores de fama entre si rivalizaram em representar na tela (HAWTHORNE, 1993, p. 58)<sup>108</sup>.

Era digno de relembrar, ainda que por contraste, a sagrada imagem da maternidade imaculada de cujo filho redimira o mundo de suas faltas. Mas, tudo aquilo dado às vistas daquela comunidade religiosa, que familiarizada com aquele tipo de situação ainda contribuía para reprimi-la e ainda mais sufocá-la rejeitando a sua atitude e postando-a como indigna de estar entre eles.

Tudo isso era uma prova de que o amor, entre outros termos, era substituído por uma falsa moral que o tingia de verdadeiro, tudo era apenas alimentado a partir de rituais e liturgias que davam cabo ao que apenas se aparentava na comunidade e todo

---

108      Had there been a Papist among the crowd of Puritans, he might have seen in this beautiful woman, so picturesque in her attire and mien, and with an infant at her bosom, an object to remind him of the image of Divine Maternity, which so many illustrious painters have vied with one another to represent (HAWTHORNE, 1993, p.49).

esse sistema era conduzido por pastores e reverendos que literalmente serviam ao governo de Salem.

Dentre todos os pastores, o reverendo Artur Dimmesdale é o sacerdote ideal. Ele é jovem e solteiro, amante das escrituras, homem dedicado ao seu povo carregando qualidades que podem fazer inveja até mesmo aos seus colegas de ofício. Ele também é o principal recipiente da Verdade contida no livro do código puritano – e, até certo ponto, nas sagradas escrituras cristãs –, uma vez que ele é alimentado por elas e essa relação cresce na medida em que ele deixa as suas mensagens semanais na mente e no imaginário dos fiéis.

...no dia imediato, sábado, pregou um sermão que foi considerado o mais rico e persuasivo e o mais repleto de influências celestes, que jamais saíram de seus lábios. Muitas almas voltaram ao caminho de verdade, devido à eficácia do sermão, e juraram consigo mesmas mostrar-se eternamente gratas a Dimmesdale (HAWTHORNE, 1993, p.160)<sup>109</sup>.

O imaginário coletivo da comunidade de Salem – repleto de ensinamentos morais – vai ganhando terreno e sendo formado, se expandindo entre eles e dentro de Artur Dimmesdale. Além das palestras que ele ministrava havia ainda o modo de vida que ele leva.

Dimmesdale, o jovem clérigo que viera de uma das grandes universidades inglesas, carregado

---

109 ...being the Sabbath, he preached a discourse which was held to be the richest and most powerful, and the most replete with heavenly influences, that had ever proceeded from his lips. Souls, it is said, more souls than one, were brought to the truth by the efficacy of that sermon, and vowed within themselves to cherish a holy gratitude towards Mr. Dimmesdale throughout the long hereafter (HAWTHORNE, 1993, pp.141-142).

com a bagagem do saber daquele tempo, para a nossa terra da floresta virgem. Por sua eloquência e fervor religioso havia já conquista nome de destaque entre os de sua profissão (HAWTHORNE, 1993, p.69)<sup>110</sup>.

Tudo o levava a uma separação e dedicação total e exclusiva para o seu povo. Ele é um reverendo que visita e dá assistência aos que o procuram e estão necessitados. Desse modo, ele alimenta o povo e é alimentado por ele reciprocamente. Mas, essa paz que reina e domina aquele povo começa a ser ameaçada com a chegada da jovem Ester Prynne.

Ela é mulher e recém-chegada da Europa. Segundo o estudioso Schubart (1975), o homem nada tem de misterioso para a mulher, que se torna, com isso, ainda mais misteriosa para ele. Como se já estivesse vestida com o amor carnal, ela trazia em si uma atmosfera especial e metafisicamente entretecida que alcançava a todos os que a ela voltassem os olhos, por que:

...para a mulher, cindir-se do *Eros* é cindir-se de seu próprio ser. [...] Só o homem pode chegar a desprezar o erotismo, a pensar que é possível desembaraçar-se dele como que de um enfeite que não fosse parte integrante da natureza humana. [...] A valorização moral da religião corresponde à valorização estética do erotismo (SCHUBART, 1975, p.17).

---

110 The Reverend Mr. Dimmesdale – young clergyman, who had come from one of the great English universities, bringing all the learning of the age into our wild forest land. His eloquence and religious fervour had already given the earnest of high eminence in his profession (HAWTHORNE, 1993, p.58).

Desse modo, a religião ajuda no processo de sublimação do *Eros*. Sendo isso verdade o que se tem em Salem é uma grande repressão – repreensão e retenção – desse desejo, que em todos habita, mas que é por força superficial da religião local, recalcado. Todos, sem exceção, sofrem desses mesmos traumas, uns mais e outro menos, mas dentro da religião puritana esse ponto era ainda mais acentuado.

Segundo Eagleton (2006), todo ser humano precisa sofrer repressão daquilo que Freud chamou de “princípio de prazer”, em favor do “princípio da realidade”. Segundo ele, para alguns de nós, porém, e possivelmente para sociedades inteiras, a repressão pode se tornar excessiva e nos transformar em doentes.

É possível pensar em uma sociedade doente, então, quando pensamos em Salem. Mas também, é importante dizer que, segundo esse mesmo estudioso, tomando como base novamente Freud – para muitos o pai da psicanálise –, uma maneira pela qual podemos enfrentar esses desejos pessoais é dirigindo-o para uma finalidade de maior valor social. Talvez seja isso que a comunidade de Salem, seus mentores em especial, esteja inconscientemente querendo fazer.

Talvez uma leitura psicanalítica pudesse oferecer um caminho para interpretar como se dá a paixão que tomará os corações de Artur Dimmesdale e de Ester. O fato é que “onde há o *id* também haverá o *ego*. Isto é, onde homem e mulher estiverem sob o domínio paralisante de forças que não podem compreender, deverá haver razão e autocontrole” (EAGLETON, 2006, p.241). Seguindo esse raciocínio e citando outra vez Freud, Eagleton diz que somos dominados por um desejo de satisfação – que nasce do *Eros* – e temos uma aversão a qualquer coisa que o possa frustrar.

Descrita como uma bela moça de traços finos é fácil notar que a viagem lhe rendera certo crescimento e distinção. O único

problema é que ela chegara só, sem o seu marido que ficara na Europa por motivos superiores, por razões profissionais. Ele era um médico reconhecido, bem mais velho do que ela. Eles haviam feito uma viagem há pelo menos dois anos pela Europa, e no desembarque em Salem o marido de Ester fora preso pelos indígenas da região e dado como desaparecido pelos moradores de Salem. Alguns até pensavam que ele estivesse morto.

Desde a sua chegada então, Ester passa a ser o centro e o assunto, a novidade nas conversas da comunidade. Um misto de alegria e de tristeza, de prazer e de dor, de união e de separação, jaz no povo que a recebe. Um ser humano é sempre um mundo e um mundo é cheio de possibilidades.

Havia, além disso, na linguagem dessas matronas, que sem o favor o eram, ao menos a maior parte delas, uma ousadia e rotundidade capazes de nos fazerem tremer hoje em dia, tanto pelo volume do som, como pelo significado das palavras (HATHORNE, 1993, p.54)<sup>111</sup>

Ester constitui uma novidade diferente que há muito tempo não chegava àquelas terras. Para muitos, essa novidade, ou esse novo, pode ser um sinal de cuidado e atenção, já sendo sinal de ameaça. A beleza de Ester era sempre mais bela e irradiava nos horizontes de Salem. Mas, Ester não era somente beleza, havia algo a mais que transporia a matéria:

---

111 There was, moreover, a boldness and rotundity of speech among these matrons, as most of them seemed to be, that would startle us at the present day, whether in respect to its purport or its volume of tone. (HAWTHORNE, 1993, p.54).

...na realidade o amor implica uma coisa bem diferente da simples beleza: ele representa uma violenta comoção interior, expressão de um desejo de absoluto. Não amamos um ser porque o achamos belo, mas nele vemos toda beleza porque o amamos. O *Eros* não está a reboque da beleza: é ela que segue o *Eros*. (SCHUBART, 1975, p.18).

Nem tudo o que acontece em uma sociedade se passa claramente na mente do povo, de forma consciente. Ester também podia ser apenas mais uma mulher que ali chegava. Ela mesma, Ester, *estrela*, também desconhece o que pode encontrar pela frente. É que para ela existe somente a ideia de uma cidade onde os costumes são todos monitorados, onde tudo é visto, inevitavelmente com a lente puritana, repleta de seus dogmas correspondentes.

Mas, Ester carrega o estigma da mulher cristã, uma mulher que deveria ser sempre e em qualquer tempo, fiel. Mas, ela erraria em defender tal dogma. Ela incorporaria a figura de uma Eva, entretanto, com todo o seu histórico desequilibrador. Quem seria aquela, portanto, que trazia dentro de si possibilidades tão opostas? Residiria em seu corpo um poder sobrenatural?

Salem era uma cidade de paz controlada, mas que, de modo algum, revelava em seus moradores uma vida contentada, livre. A rotina dominava o lugar que era duramente governado por leis que perseguiram o desejo humano. Por isso, Salem era uma cidade onde não se esperava que o inesperado acontecesse. Nunca isso – a possibilidade do inesperado acontecer – passava pela mente dos puritanos. Eles não tinham sido treinados para aquilo: “numa terra onde a iniquidade é escorraçada e punida à vista das autoridades

e do povo, como nesta piedosa Nova Inglaterra (HAWTHORNE, 1993, p.65)<sup>112</sup>.

Tudo em Salem era determinantemente previsto e previsível. Tudo estava sob controle – sob a lógica dos macro eventos regidos pela forma de causa e efeito –, mesmo não estando. Onde há um ser humano, há sempre uma possibilidade de mudanças. O reverendo Artur Dimmesdale tinha sua rotina traçada e seu caminho era sobre medidas: da igreja para casa e da casa para a evangelização dos vilarejos circunvizinhos, até mesmo entre os índios.

Mas, tudo parece ser a ponta de um mistério. O reverendo entendia e também facilmente se fazia entender. Mas, com relação às surpresas da vida, ele não contava na sua mente com todas. A vida para ele era apenas ver o povo e a igreja asseada, limpa e cheia aos sábados e aos domingos de manhã, tudo aos seus cuidados. Aquele era o prazer que ele havia experimentado e o fazia costumeiramente.

Antes de tudo, Artur Dimmesdale era um ser humano com todas as potencialidades possíveis e imagináveis existentes em sua complexidade. Ele vira a chegada de Ester e nada viu, profundamente. Sabia apenas que era mais uma pessoa para a irmandade. Alguém que ele iria conhecer, porque seria membro de seu rebanho, sua ovelha, portanto.

O fato é que ele gostou de Ester, mas não se sabe ao certo como, no começo de tudo. Como sacerdote, sim, ele gostou. Gostou da beleza fina de e das feições de Ester também como ser humano. Admirou-se com ela, certamente. Ela a amou – foi dominado pelo *Eros* - de uma vez, mesmo sem entender aquele sentimento por completo, nem como ele se processara. E ele a

---

112 'a land where iniquity is searched out and punished in the sight of rulers and people, as here in our godly New England'. (HAWTHORNE, 1993, pp.54-55).

recebeu formalmente como sacerdote daquela comunidade, mas o seu coração já a tinha recebido como homem, tomado por uma pulsão diferente, pulsão de vida.

Desde então veio o desejo, misturado entre as atribuições legais enquanto pastor, de conversar com ela, de visitá-la. Queria conversar com ela, conhecê-la melhor. Talvez quisesse conhecer o que ela sabia sobre os preceitos de Deus.

Tudo era um mistério o que se passava pela mente e pelo coração de Dimmesdale. O mistério do encontro entre dois amantes se confundia com o ministério do pastor Dimmesdale com sua ‘ovelha’. Não se sabia os resultados daqueles encontros ainda, nem era possível prever os seus efeitos. Tudo começava, entretanto, no coração dos dois, (sobre)naturalmente. O desejo vai até as profundezas do inconsciente, e estando lá vivifica o que até então jazia adormecido.

Tudo se dava como se fosse uma descoberta de um tesouro oculto, espécie de fonte inesgotável onde a humanidade sempre buscou suas maiores razões de viver, suas realizações e desejos, todas as ideias, as mais fortes e poderosas, sem as quais o ser humano deixa de ser humano. Artur Dimmesdale era homem, um macho, com todos os atributos carnis e desejos que rondavam-lhe as vísceras. E este desejo encontrara guarida em Ester. Ela o nutre misteriosamente, metafisicamente.

O desejo carnal – e termo usado aqui em oposição ao desejo que é espiritual, segundo a ótica da religião puritana – vai crescendo no seu interior feito uma planta, ao ponto de ficar maior que o próprio reverendo, dominando-o. Ressalte-se o que nos diz o narrador do Fausto do escritor alemão Goethe. Ele deixa registrado que quando o homem é fisgado por esse amor – *Eros* – outros sentimentos e noções a respeito da vida e das pessoas ficam inibidos. Assim sofria também o personagem “Werther” – Os

*sofrimentos do jovem Werther (1776)* – em relação à sua amada Isabelita.

O reverendo Dimmesdale passa a sentir Ester constantemente, agora. Ele passa a perceber que a vida consiste muitas vezes em experiência extrema e séria. O pastor estava passando por algo de novo e extremo. Segundo interpretamos é como se a vida tivesse uma espécie de técnica que exige um despojamento de tudo que obstrui e bloqueia o crescer da alma. Artur Dimmesdale está maior, então.

Mas, a questão é: de onde surgiu aquilo, aquele novo sentimento, aquela nova ideia que se impõe na consciência de Dimmesdale com tão elementar violência? De onde vem essa força que se apoderou da consciência do reverendo de modo tão claro, tão veementemente? Como surgiu aquela força que o tirou do centro e o deslocou para uma posição marginal, porque não dizer, fora de controle?

É isso que nós queremos chamar de amor, ao qual respondemos a partir da hipótese da atuação do *Eros* sobre aqueles dois, que parece ser formado de uma substância invisível que pode estar em toda parte, em qualquer momento, que é essencial ao ser humano, e é algo que às vezes desaparece aos olhos das pessoas, mas que está sempre presente.

### **3.4. A SEMPITERNA PRESENÇA DO AMOR**

É por isso que a vida não pode ser totalmente compreendida. Ester, a bela mulher protagonista do romance, era comprometida: ela era casada. Mas, ela impressionara o pastor. Logo ele, sacerdote, reverendo, a principal figura defensora daquele modelo de sociedade. A vida o tinha impressionado. Ela era o veículo que

trouxera toda aquela nova sensação em Artur Dimmesdale: o inesperado começava a acontecer depois de sua chegada a Salem.

A verdade é que algo havia mudado em Dimmesdale. Quanto mais ele pensava nela, dia após dia, mais ele gostava dela. A vida ganhou outro sentido. Era o amor o invadindo e redimensionando os seus valores e a sua vida. A rotina havia sido quebrada no interior de Dimmesdale. Eis o poder do *Eros*. Ele ia indo visitá-la cumprindo não apenas os deveres de ministro do evangelho, mas também obedecendo as ordens do seu novo sentimento, do seu novo coração.

Artur Dimmesdale não a via como uma simples mulher. Ela não era comum, aquilo que ele sentia por ela não era comum. O pastor ouvia a voz daquela ovelha diferentemente. Aquele sentimento foi gerando um prazer e esse prazer foi tomando rumo e se traduzindo por um 'querer-sempre-estar-perto'. Aquilo aumentava nele, todas as vezes que estava perto dela, uma vontade de ainda estar mais perto. Sentia a vontade de estar com ela o tempo todo.

Nele, agora, havia agora uma confusão alegre em sua mente em relação ao modo como enfrentava aquilo. Com que olhos era que ele a olhava? Com olhos e visão diferentes. Uma visão que era diferente daquela que antes ele guardava. Ele começou a pensar coisas que as sombras delas em seu coração, misteriosamente, já estavam. O reverendo estreou muitas ânsias dentro de si e uma profunda e incômoda satisfação.

O amor se esconde na cara da gente muitas vezes, já dizia o mestre Guimarães Rosa<sup>113</sup>. E aquele havia se revelado para ele. Aquele amor '*Eros*' era uma força que existe e é latente, dentro do ser humano, dele ou dela, ou dos dois, despontando como em

---

113

Ver o seu conto 'Substância' no livro *Primeiras Estórias* do mesmo autor – Rosa (1977).

brotos que não param mais de crescer. O reverendo crescia de um modo diferente, como nunca antes crescera.

Sempre que se começa a ter amor, algo diferente acontece – já dizia Guimarães Rosa. Ele pega fácil e quando pega de verdade cresce-se dentro dele. Porque o amor, esse sentimento inexplicável, é. Ele não cresce da maneira como se diz, cresce-se dentro dele. De certa forma o que a gente muitas vezes ama não se sabe ao certo a sua razão. Mas, quando é o destino dado, se ama por inteiro, fatalmente, crescendo de desejo e de querer. Dimmesdale sentia o amor, e pelo que entendemos, sentindo Ester.

A essa altura Dimmesdale sentia o peso do coração. Estava cheio de Ester, cheio dela contra a vontade do sacerdote, mas a favor da sua vontade de viver. Ela estava misteriosamente nele. Ele não sabia como se processava, apenas queria entender. Ela estava nele, na sua mente, mesmo vivendo fora. Ela estava em toda parte e para onde ele ia lá ela estava, pois estava dentro dele. Ester tomava conta dele e ele nem podia acreditar. Seria um sonho? O amor é um sonho?

O fato é que Artur Dimmesdale vai se deixando dominar pelo amor – ou é por ele dominado –, essa substância que se disfarça no éter da vida, que aparece de repente e desaparece, mas nunca deixa de ser e de estar. Amor, inato no ser humano, com letras maiúsculas, longe de falsas interpretações, conhecido da maioria dos homens e muitas vezes, por eles, negado.

O que não é dito, o não-dito, pode se revelar a qualquer momento. Artur Dimmesdale não irá suportar e irá transpor o discurso interno – o do silêncio que insiste em resistir-lhe a tudo o que acontece e o domina – para o externo, que para ele é o extremo, contra a sua identidade social, sua personalidade. Ele vai revelar seus traços de humano, indubitavelmente.

Este fenômeno, nas várias formas que assumiu, não indicava mudança externa, mas antes uma súbita e importante metamorfose [...] A vontade do ministro, e a de Ester, e o destino que entre ambos se erguia, operara tão surpreendente transformação. A cidade era a mesma [...] mas o ministro que regressava da floresta, não era o mesmo (HAWTHORNE, 1993, p. 185)<sup>114</sup>.

111 O reverendo Dimmesdale não era mais o mesmo. O que se sabe é que toda a realidade se constrói de pedaços fragmentados, nas suas não-linhas ou nas entrelinhas, como em um texto. A sua transmissão inteira, da realidade, é impossível para o leitor. Na lida do texto de *A Letra Escarlata (1850)*, enquanto o leitor não via, o reverendo Dimmesdale já sofria as revoltas do amor. De página em página, a literatura vai nos revelando os segredos da vida. Coisas dos romances de Literatura. O que o reverendo não podia escapar era das pancadas do coração. Ali se embarçava num real como se achada a satisfação, sentimento sereno.

O sofrimento de Dimmesdale ainda era confuso – não o sentimento –, porque ele não entendia como aquilo se procedera. Por vezes era de bom grado e, quando sofria, parecia se alegrar. Era uma confusão boa, entretanto. Ester era a forma completa do amor de Dimmesdale. Nela o destino dele se completava e a busca amorosa findava, não findando o amor.

Seria o famoso discurso de Aristófanes que engendrava seu ápice, se completando? Certamente. Era o amor, substância que

---

114 This phenomenon, in the various shapes which it assumed, indicated no external change, but so sudden and important a change in the spectator of the familiar scene [...] the minister's own will, and Hester's will, and the fate that grew between them, had wrought this transformation [...]. It was the same town as heretofore, but the same minister returned not from the forest (HAWTHORNE, 1993, p.197).

não se pode ver, mas se pode experimentar e sentir, às vezes tão perto se formando em forma física, parasita, em Ester Prynne e no seu amante pastor.

De fato, era a vida não dando demora em nada e acontecendo em seu mais completo devir. Agora, ele tinha Ester assim, perto dele e cheio de grande afeto. Naqueles momentos a vida valia mais de fato porque era vivida em sua plenitude. E lá ia o pastor em seu monólogo interior, pensando em sua amada. A lição que fica é que o coração humano nunca deve esquecer que o que existe de humano sofre mudanças incertas, inesperadas.

Mas, quem escolheu aquilo? Ela era a forma de amor carnal que desembocara e se conservara num universo sublime, espiritual. O estado de plenitude, experimentado pelos dois, descortinando mistérios, superando o desamor, muitas vezes instaurado em sociedades dogmáticas, como em Salem, se consolidava. Os dois misteriosamente, metafisicamente estavam unidos por um sentimento superior, angelical, talvez.

Não sabemos, ao certo, dizer o que se passava com Ester, definitivamente. Ela não revelara o que pensava ao chegar naquele lugar nem o que presumia. Parecia de nada padecer. O que sabemos é que o seu coração ‘doía’, como disse o poeta Fernando Pessoa nas primeiras páginas deste artigo, assim como o do pastor. O que podemos dizer é que ela era o fogo que acendera o coração de Artur Dimmesdale, completamente.

Ester fez surgir em Dimmesdale um sentimento mais puro, quase que desencarnado e beatificado, ao limite que a imagem etérea de uma mulher pode fazê-lo. Sob a ação do *Eros* a vida é lacônica e inexplicável, cheia de ocultos caminhos, repleta de surpresas que somente a experiência, revelada a partir de outras situações e casos – *affairs* –, pode oferecer uma justificação. O

olhar de Ester oferecia um mundo para o reverendo, um mundo vasto, especial: um portal.

O enredo do romance transcende a simples condição do aparente, portanto. Ele o transpõe e o desenrola ousando revelar os seus segredos muito raros. Por vezes, a realidade no romance se confunde com a realidade da vida e vice-versa. É que os segredos que estão ali, bem ali, tão perto, muitas vezes, do homem despercebido, do homem que apenas vê com os olhos, do homem que lê os livros e se esquece que a vida se desenrola em seu cotidiano.



## CONCLUSÃO

**D**entro dessa ideia fica clara a revelação do amor<sup>115</sup> como uma das peças principais, senão a mais principal de todas aquelas, que constroem e demarcam os limites de uma sociedade. A história da cidade de Salem terá de ser recontada, diferentemente, com um antes e um depois a partir da escritura de *A Letra Escarlata*.

Como pudemos ver, antes da chegada de Ester Prynne tudo parecia estar socialmente sob controle. Após a chegada dela a cidade ganhou novos fatos. Por esse motivo ressaltamos o papel desse amor em meio às sociedades. Pelo que pudemos entender, ele tem a capacidade de fazer reescrever valores e princípios ao mesmo tempo em que desafia todos os seus partícipes a reconstruírem-se, do modo mais sereno e honesto possível, uns em relação aos outros.

O que fica para nós, portanto, é que, em sua principal obra, Nathaniel Hawthorne nos traz para perto um mundo cheio de valores que não nos são, de todo, estranhos. O conjunto de reflexões que o seu texto proporciona a respeito do amor – e da religião, por exemplo – traz o berço da literatura americana para perto de nós e nos convida a (re)pensar o universo social a partir desse tema.

Hawthorne nos incita a imaginar outras maneiras de conceber e organizar a realidade a partir da concepção que as pessoas têm

115

Tenho considerado o *Eros* como um tipo de “amor carnal”, segundo o pensamento grego.

com respeito aos seus sentimentos mais íntimos e as suas relações mais pessoais possíveis. Assim:

...como a filosofia e as ciências humanas, a literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos. A realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente, a experiência humana. [...] O leitor comum que continua a procurar nas obras que lê aquilo que pode dar sentido à sua vida, tem razão contra professores e críticos que dizem que a literatura só fala de si mesma. [...] Se o leitor não tivesse razão, a leitura – *literatura* – estaria condenada a desaparecer num curto prazo (TODOROV, 2009, p.77).

115

Se Hawthorne traçou um caminho dentro do puritanismo em suas obras ao explorar o fato de que as pessoas nem sempre são tão assim – tão boas – quanto parecem ser, ele acabou traçando também um caminho inverso, através de uma atmosfera antipuritana, pela forma com que ele chegou às suas conclusões.

Dessa maneira, percebemos claramente que o seu recado foi dado, pela via de um aparentemente simples acontecimento em uma pequena cidade nos Estados Unidos da América. Temos certeza, porém, que ele nos tem feito refletir até os dias de hoje.

O fato é que, esse amor o qual chamamos de *Eros* está em todo lugar, definitivamente, e é um motor que faz mover engenhos em todas as cidades, cidades de todos os tamanhos, cidades em todas as épocas.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APULEIO. (1963), **O asno de Ouro**. Trad. Ruth Guimarães. São Paulo: Cultrix.

BAKHTIN, Mikhail. Epos e romance (sobre a metodologia do estudo do romance). In: **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora Fornoni Bernadini et al. 4. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem. In: CANDIDO, A. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

\_\_\_\_\_, Antonio et al. **A personagem de ficção**. 11ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CARL, B.; HOWARD, L; WRIGHT, L.B. **American Literature: the first part of the 19<sup>th</sup> Century**, v.2, New York: Washington Square Press Inc., 1966.

CARPEAUX, O. MARIA. **História da Literatura Ocidental**. 3a. ed. V.5. Rio de Janeiro: Alhambra, 1987.

COLES NOTES. **Hawthorne: The Scarlet Letter**. Toronto: Coles Publishing Company, 1989.

CUNLIFE, Marcus. **História da Literatura dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Biblioteca Universitária, 1986.

DIÁLOGOS / PLATÃO; **seleção de textos de José Américo Motta Pessanha**; tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Peleikat e João Cruz Costa. – 5. ed. – São Paulo: Nova Cultural, 1991. – Os Pensadores.

DUBY, Georges. **Eva e os Padres: damas do século XII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

EDEL, Leon. **Pamphlets on American Writers: Henry James**. Minneapolis: University of Minnesota, 1960.

ERICKSON, M. J. **Introdução à Teologia Sistemática**. Trad. Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2007.

GUERIN, W. L.; LABOR, E. G. **Abordagens Críticas à Literatura**. Kansas: Lidador, 1966.

HAWTHORNE, Nathaniel. **The Blithedale Romance**. Dell Publishing Co., Inc., 1960.

\_\_\_\_\_, **The Celestial Railroad and other stories**. New York: The New American Library, 1963.

\_\_\_\_\_, **A Letra Escarlate**. São Paulo: Ediouro, 1993.

\_\_\_\_\_, **The Scarlet Letter**. Montreal: Reader's Digest Association Inc., 1984.

\_\_\_\_\_, **The Scarlet Letter**: with an introduction by Brenda Wineapple. London: Signet Classics, 1999.

HIGH, P. B. **An Outline of American Literature**. London and New York: Longman, 1986.

HOLMES, Norman. **The complete novels and selected tales of Nathaniel Hawthorne**. New York: Pearson, 1937.

HOWARD, Leon. **A Literatura Norte-americana**. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.

118

HURWITZ, Sigmund. **Lilith, a primeira Eva**: aspectos históricos e psicológicos do lado sombrio feminino. Trad. Daniel Costa. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

JAMES, Henry. **Hawthorne**: a critical essay on the man and his times. New York: Collier Books: 1966.

LOREAU, Nicole. **Maneiras Trágicas de Matar uma Mulher**: imaginário da Grécia antiga. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LUKÁCS, Gyorgy. O romance como epopéia burguesa. In: **Ensaio sobre literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

\_\_\_\_\_, A Teoria do Romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

MANZATTO, Antonio. **Teologia e Literatura**: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

McMICHAEL, George. **Concise Anthology of American Literature**. New York: Collier Macmillan Publishers, 1966.

ROSA, J. Guimarães. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

SCHUBART, Walter. **Eros e Religião**. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

SCHWARZ, Roberto. **A Sereia e o Desconfiado**: ensaios críticos. 2ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SELLERS, Charles; MAY, Henry; McMILLEN, Neil R. **Uma Reavaliação da História dos Estados Unidos**: da colônia a potência imperial. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar. O romance: História e sistema de um gênero literário. In: **Teoria da Literatura**. Coimbra: Livraria Almedina, 1997.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

SICUTERI, Roberto. **Lilith**: a lua negra. Trad. Norma Telles. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

TRILLING, Lionel. **Literatura e sociedade:** ensaios sobre o significado da arte e da ideia literária. Rio de Janeiro: Lidador, 1952.

ZABEL, Morton D. **A literatura dos Estados Unidos:** suas tradições, mestres e problemas. Rio de Janeiro: Agir, 1947.





### **ALBERIS ÉRON F. DE OLIVEIRA**

Graduado em Letras com habilitação em Línguas portuguesa e Inglesa e Literaturas (1997), é mestre em Literatura Comparada no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PpGel) da UFRN e doutorando em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas pela mesma universidade. É professor do IFRN e especialista em Literatura comparada (2008) pela UFRN e em Educação de Jovens e Adultos (2011) pelo IFRN.

As atividades editoriais do que hoje denominamos Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN, iniciaram em 1985, no contexto de funcionamento da ETFRN. Nesse período, essas atividades limitavam-se a publicações de revistas científicas, como a revista ETFRN, que em 1999 tornou-se a revista Holos.

Em 2004, foi criada a Diretoria de Pesquisa, atual Pró-reitoria de Pesquisa e Inovação, que fundou, em 2005, a Editora do IFRN. A Editora nasceu do anseio dos pesquisadores da Instituição que necessitavam de um espaço mais amplo para divulgar suas pesquisas à comunidade em geral.

Com financiamento próprio ou captado junto a projetos apresentados pelos núcleos de pesquisa, seu objetivo é publicar livros das mais diversas áreas de atuação institucional, bem como títulos de outras instituições de comprovada relevância para o desenvolvimento da ciência e da cultura universal, buscando, sempre, consolidar uma política editorial cuja prioridade é a qualidade.



O caso de Ester e do reverendo Arthur Dimmesdale descrito no romance *A Letra Escarlate* (1850), do escritor americano Nathaniel Hawthorne (1804-1864), do qual eles são os personagens principais, ganha evidência neste breve estudo, a partir do modo como o amor – *Eros* – se revela em meio à sociedade religiosamente puritana de Salem, na Nova Inglaterra do século XVII. A história de uma relação extraconjugal entre o reverendo de uma comunidade puritana e uma senhora recém-casada ganha proporções que afetam o comportamento de todos na pequena Salem. A tentativa de entender o modo como esse sentimento surge e/ou se revela, alcançando até mesmo um reverendo de grande destaque na comunidade, é o nosso objetivo. Para tanto, buscaremos ajuda entre os estudiosos DUBY (2001), SCHUBART (1975), PLATÃO (1991), HIGH (1986), EAGLETON (2006) e TODOROV (2009), entre outros. Ao final, dentre muitas conclusões, é possível perceber que esse tipo de amor não escolhe tempo nem lugar para acontecer, uma vez que ele está sempre presente, no seio de toda e qualquer sociedade

